



A Grande Tribulação e o seu Cumprimento Histórico

Thiago T. Ferrari

A Grande Tribulação e o seu Cumprimento Histórico

“Você não pode conectar os pontos olhando para frente, você só pode conectá-los olhando para trás. Então você tem que confiar que os pontos vão se ligar algum dia, no seu futuro. Você tem que acreditar em alguma coisa: sua garra, destino, vida, carma, qualquer coisa. Porque acreditar que os pontos vão se conectar no caminho vai lhe dar a confiança para seguir seu coração, mesmo quando ele te leva pelo caminho mais desgastante. E isso vai fazer toda a diferença.” (**Steve Jobs**)

Thiago Toscano Ferrari

Copyright 2021 by
Thiago Toscano Ferrari
Vitória, ES.

Capa:
[http://www.zazzle.com.br/
a_destruicao_do_templo_de_jerusalem_cartao_pos-
tal-239049514198070224](http://www.zazzle.com.br/a_destruicao_do_templo_de_jerusalem_cartao_postal-239049514198070224)

Diagramação:
Thiago Toscano Ferrari
e-mail: ttoscanoferrari@yahoo.com.br

Vitória, Dezembro/2021.

Sumário

| | |
|---|----|
| Resumo..... | 6 |
| Introdução..... | 10 |
| Profecias de Daniel – A chave inicial..... | 18 |
| Período em que viveu Daniel e suas visões..... | 24 |
| Contextualizando suas profecias e seus cumprimentos..... | 27 |
| Daniel, profeta ou apenas um enviado do Eterno?..... | 28 |
| O desfecho do livro de Daniel e a profecia da ressurreição..... | 28 |
| Qual o significado da Abominação da Desolação e o Lugar Santo...30 | |
| Os 1.290 dias de Daniel e os 1.296 dias de Flávio Josefo..... | 32 |
| Determinação de um tempo, dois tempos e a metade de um tempo | 32 |
| Cessando os sacrifícios e o período de proibição da prática do Judaísmo..... | 34 |
| A imposição da adoração pagã e a revolta judaica..... | 36 |
| O tempo dos Macabeus e dois líderes expulsam os invasores..... | 37 |
| Os 1.335 dias e a purificação do Templo de Jerusalém..... | 38 |
| A tradição judaica e o cumprimento desta profecia..... | 40 |
| Sermão profético de Jesus..... | 43 |
| Ocasão que levou a Jesus profetizar..... | 56 |
| Sinais precursores da Grande Tribulação e Princípios das Dores...56 | |
| Preconizado a destruição do Templo de Jerusalém..... | 58 |
| Início da primeira revolta judaica – romana e a derrota do império | 60 |

| | |
|---|-----|
| A Abominação da desolação de Daniel e o Midrash de Jesus..... | 70 |
| A fuga de judeus de sua cidade para as montanhas..... | 75 |
| Queda de Jotapata, a prisão de Josefo e sua profecia..... | 79 |
| Os romanos chegam a Jerusalém e sitiaram a capital da Judeia..... | 80 |
| Alianças judaicas, deserções e exortações de Josefo..... | 84 |
| A destruição do Templo de Jerusalém pelo General Tito..... | 85 |
| A vinda do filho do homem e o julgamento..... | 98 |
| Interpretações da tradição Cristã..... | 126 |
| A visão pré-tribulacionista..... | 127 |
| A visão pós-tribulacionista..... | 134 |
| A visão preterista..... | 134 |
| A visão Espírita..... | 135 |
| Considerações finais..... | 153 |
| Fontes Bibliográficas..... | 157 |
| SOBRE O AUTOR..... | 161 |

Resumo

Demoramos muito tempo para escrever um texto, pois o trabalho de pesquisa e leitura tem tomado um tempo bem maior. Somente através desta busca que enxergamos a capacidade de poder escrever com mais qualidade.

Este tema nos acompanha já há algumas décadas e até este momento ele estava insolúvel e com uma grande interrogação, mas agora julgamos ter chegado a um consenso. Inicialmente este tema entrou em nossas aspirações das conversas que tínhamos com o saudoso avô materno que nos deixou no início de 2007, com muita saudade de nossas conversas.

Foi através destas longas e proveitosas conversas em meados da década dos anos 1990 que este tema entrou em nossa vida, justamente quando nós estávamos amadurecendo como jovem aprendiz diante dos profundos conhecimentos que nosso avô tinha e das leituras iniciais da

Codificação Espírita.

Contudo, mesmo com todo este cabedal de conhecimento, ele tinha uma dúvida sobre o sermão profético de Jesus sobre o princípio das dores e ficava intrigado com tamanho simbolismo que esta profecia representava e o que ela significava. Naquela ocasião nós não tivemos como contribuir, senão como também uma dúvida que passava a ser nossa.

Esta frase de Steve Jobs tem tudo a ver com a ocasião e foi colocada logo no início deste e-book para conectá-lo aos eventos que pudemos observar em nossa vida, bem como as referências bibliográficas que se conectaram ao longo dos anos, fazendo-nos chegar a um consenso dos fatos que, de antemão, não teremos a pretensão de colocar um ponto final neste tema, senão dar-lhe o ponto de partida para a discussão, bem como lançar bases para desenvolvimento de outros temas relacionados, tal qual o Apocalipse de João e outros apócrifos.

Pois bem, esta frase de Steve Jobs, que

naquela oportunidade era o CEO da Apple e da *Pixar Animation*, veio a proferir um discurso a alunos formandos da Universidade de Stanford no ano de 2005 nos EUA.

A partir daí ele fala por quase uns quinze minutos e fala de eventos em sua formação acadêmica incompleta e as suas decisões e desenvolvimentos de suas habilidades que lhe fizeram, junto com outros amigos, a fundar a Apple, que inicialmente começou na garagem da casa de seus pais com muita disposição de grandes sonhos que veio a transformar a era da comunicação e esta companhia nascente numa das maiores empresas do mundo.

Este paralelo é apenas uma conexão ao que ocorreu na nossa busca, mesmo que inconsciente sobre este tema que hoje nos propomos a expor. O primeiro fato já relatamos, que foram os diálogos com nosso avô em respeito ao sermão profético de Jesus, nos apresentando sua dúvida quanto a esta passagem.

O segundo passo foi logo alguns anos após a

constatação de que na Codificação Espírita, Kardec não abordou este assunto. Com o passar dos anos, passamos na filosofia protestante a ter interpretações futuristas pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas que mais adiante entraremos em maiores detalhes. Por fim, num determinado momento, no início de 2004, retornando na última década aos conceitos espíritas, nos deparemos com esta passagem novamente, mas com um novo ideal, o de buscar na tradição judaica alguma referência no Tanah e até mesmo em relatos históricos sobre o tema base de Jesus que era a profecia de Daniel.

Foi aí que ao investigar até mesmo três traduções distintas das escrituras, tal como uma judaica, uma católica e outra protestante. Vimos na Codificação Espírita esta lacuna e a percepção de que poderíamos contribuir com o tema após alguns anos de estudo. Com isso, subdividimos nos índices mencionados, referidos tópicos para conduzir nosso estudo e chegar a uma conclusão sobre tais fatos.

Introdução

No princípio, temos a era das origens que é relatada nas escrituras como o início de toda a criação que o ocidente já entende que remonta aos 2 milhões de anos até os anos 13.000 a.C. com a criação de tudo o que há, da aparição do homem que a tradição cristã entende como *homo habilis* que tem o progresso lento, vindo a manipular o trabalho, o fogo, a pintura nas cavernas e o surgimento da linguagem.

É relatado ainda, neste período, a queda do homem (Gn 1,26) e das dez gerações simbólicas de Adão até o dilúvio (Gn 5), dentro da tradição católica apostólica romana (Gn 1-11) com ainda fatos relevantes como a lista dos povos (Gn 10) por volta do ano 13.000 a.C. que traça um paralelo ao fim da era glacial, o desenvolvimento da colheita e a expansão da humanidade, a história de Caim e Abel (Gn 4,2; Henoc 4,17) por volta dos anos 9.000 a.C. que marca o início da domesticação dos animais, do surgimento da agricultura e início das

aldeias, culminando as cerâmicas pintadas por volta dos anos 5.000 a.C. e Tubalcaim, o pai dos ferreiros (Gn 4,22) que inicia a metalurgia com a era do cobre, o início da escrita em tábuas sumérias de Uruc que é Arac (Gn 10,10) por volta dos anos 3.500 a.C. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2170).

A tradição judaica remonta ao início de todo o universo com base o que a Torá menciona o Talmud e a Cabala, como fundamentos para entender a Lei de Moisés, distingue no Zohar com períodos longos da criação e de compreensão muito profunda para o judaísmo que traz uma harmonia com a ciência que data a idade do universo de 15 bilhões de anos, com a teoria do Big Bang apresentada em 1946, num perfeito sincronismo entre o que apresenta a Torá e o que foi descortinado pela Ciência como sendo o marco inicial da criação dada pelo Eterno (Gn 1,5). (MELAMED M. M., 2001, XXI).

5. dia um – Muitos doutores da lei tratavam de conciliar a data da era hebraica com as últimas

descobertas científicas, que revelam, baseados no “relógio de Urânio” ou “atômico”, ou seja, na desintegração das substâncias radioativas das rochas, que a Terra tem, aproximadamente, 4 bilhões de anos. Seus esforços foram inúteis. Então, para conciliar a Escritura Sagrada com a ciência, podemos até admitir que um dia da Criação não equivale a um dia ordinário, e sim, a um longo período de tempo, conforme descreve David no salmo 90: “Pois mil anos em Teus olhos são como o dia de ontem, que passou, e como uma vigília noturna”. Apesar disso, os judeus religiosos atêm-se à fé nas Escrituras Sagradas e contam os anos a partir dos anos bíblicos. Estes indicam estamos hoje no ano 5761 (2001). (MELAMED, M. M., 2001, p. 1-2)

Após o surgimento da Torá, conta-se que estão no ano 5.782 por não crerem que a vinda do messias se deu por volta do ano 6 a.C. com o nascimento de Jesus, já que Herodes veio a morrer em 4 a.C., devido a sua ordem de matar a todos os recém-nascidos até 2 anos de idade, relatado nos Evangelhos (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1705-1706), por tentar matar ao rei dos Judeus que foi proclamado Jesus ao nascer, segundo Flávio Josefo.

Entendemos que Jesus tenha nascido por

volta de 6 a.C., como descreve Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século da era cristã (JOSEFO, 2012a, p.134-137). O período anterior a Torá é dado como ramo de estudo da Cabala, devido a sua profundidade, e a ciência já remonta cerca de 4,5 bilhões de anos a idade da Terra e mais 13,5 bilhões de anos o surgimento do Universo, ao qual conhecemos com todas as suas galáxias em expansão.

Num dado momento, percebemos o pedagogo lionês, vulgo Allan Kardec (1804-1869), que ao receber a revelação divina dos apóstolos do Consolador, vieram a nos abrilhantar e dar o fundamento que encontramos na Torá, ao qual encontramos o detalhamento entre os seis dias da criação como grandes eventos que trouxeram ao mundo a aliança entre a religião tradicional e a ciência, necessários para fundamentarmos a nossa convicção que o criador nos acompanha, tal qual um pai ensina os primeiros passos ao seu filho no aprendizado de sua construção moral e intelectual, dando-nos a certeza que toda a criação sofre uma

poderosa organização e condução por parte de Deus aos seus filhos, no que concerne a todas as eras em que o homem passou a registrar o seu caminhar sobre o orbe terrestre. Desta forma, não poderia o governador da Terra, ao qual chamamos Jesus, vir a presidir tais eventos a partir de meados do século XIX.

No período dos profetas, vividos no Antigo Testamento, após o período dos juízes, a começar pelo profeta Samuel que ungiu o primeiro rei de Israel que foi Saul, deu-se por fato o início a era dos profetas juntamente com a era dos Reis de Israel que determinou um ponto em ascensão dos israelitas na terra de Canaã que culminou em seu ápice com Davi dar a ordem de construção do primeiro Templo em Jerusalém por volta do ano 1.015 a.C. - 1.004 a.C. Este templo foi destruído por Nabucodonosor em 583 a.C.

A retomada da construção do segundo Templo foi após o cativeiro Babilônico, por volta do ano 535 a.C. - 516 a.C. Partindo deste princípio, a última reforma do Templo se deu no reinado de

Herodes já no primeiro século da Era Cristã, onde iremos nos deter para os fatos que ali se transcorreram até sua completa destruição em 70 d.C. como relata o historiador Flávio Josefo.

O nosso objetivo é analisar as passagens da Grande Tribulação, registrada nos Evangelhos sinóticos (Mateus 24; Marcos 13 e Lucas 21). Buscaremos a atestação do cumprimento das profecias exaradas por Jesus, dando-lhe seus cumprimentos históricos registrados nos anais da história, tal qual é previsto na Torá:

Dt, 18,21-22: ²¹ Talvez perguntes em teu coração: “Como vamos saber se tal palavra não é uma palavra de lahweh?”²² Se o profeta fala em nome de lahweh, mas a palavra não se cumpre, não se realiza, trata-se então de uma palavra que lahweh não disse. Tal profeta falou com presunção. Não o temas! (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 281)

Traçaremos agora os quatro níveis de interpretação bíblica, para que mais à frente possamos perceber a necessidade de conhecê-los e compreender o simbolismo da revelação profética,

tanto no Tanah quanto no sermão profético de Jesus. Com isso, vamos recorrer a obra **Analisando as Traduções Bíblicas** do autor Severino Celestino da Silva (1949 -). Vejamos:

Para os rabinos, análise oriental, existem quatro categorias básicas de interpretação da Bíblia¹⁰².

Eles utilizam a palavra Pardês que é de origem persa, e é usada na literatura hebraica para significar “**jardim**”, ou “**pomar**” e posteriormente “**paraíso**”. As quatro consoantes desta palavra (p-r-d-s) são usadas como mnemônica das quatro categorias de interpretação bíblica, como segue abaixo:

1-Peshat – o significado simples e muitas vezes literal, correspondente à realidade histórica, ao significado objetivo, óbvio e comum.

2-Remez – o significado alegórico, oculto nas entrelinhas do texto, examinado no seu sentido mais profundo, como se fosse composto de símbolos abusivos a novos significados. Esses dois caminhos de entendimento (**Peshat e Remez**) “cuidam” do interior da Torá, já que ocultam mais do que revelam¹¹².

3-Derush – o significado moral, midráxico ou homilético, que analisa o texto, interpretando-o com intuítos pedagógicos e éticos de ensinamento, para aplicá-los às circunstâncias. Derush provém do verbo hebraico exigir (**lidrosh**), encerra uma busca, pela qual o homem exige um significado mais profundo do

texto do que nas perspectivas anteriores.

4-Sod – O significado esotérico, que interpreta o texto no seu sentido pretensamente oculto, secreto ou místico e cabalístico. **Sod** significa segredo. O Zôhar define **sod** como **causa**, já que quem conhece a **causa**, conhece a consequência, ou seja, o **segredo**. A **Cabalá** é a parte interior da Torá, que sintetiza, une e forma a Torá como um todo indivisível. O vocábulo, **Cabalá**, significa literalmente recepção, ou seja, é o estudo que prepara o homem para receber todos os graus e planos de vida como uma única realidade¹¹².

102. Unterman, A. e Zahar, J. Dicionário Judaico de Lendas e Tradições. Rio de Janeiro: Editor, 1992.

112. Zôhar. O Livro do Esplendor. Version Castellana de Leon Dujovne. 5 volumes. Buenos Aires: Editorial Sigal.

(SILVA, S. C. 2012. p. 61-62) (grifo no original)

Partindo dessas definições, trabalharemos com o terceiro e quarto nível de interpretação bíblica que é o midráxico e o sod (oculto), ao texto que empreenderemos a interpretação mais próxima da intenção original e temporal das profecias, exaradas em seus autores.

1. Profecias de Daniel - A chave inicial

A estrutura do livro de Daniel está composta da seguinte forma:

Seção histórica

Cap. 1: Daniel e seus companheiros a serviço de Nabucodonosor II;

Cap. 2: o Sonho da Estátua;

Cap. 3: a adoração da estátua de ouro e os três companheiros de Daniel na fornalha;

Cap. 4: a loucura de Nabucodonosor II;

Cap. 5: o festim de Baltazar;

Cap. 6: Daniel na cova dos leões.

Seção profética

Cap. 7: as quatro feras;

Cap. 8: o bode e o carneiro;

Cap. 9: as setenta semanas;

Cap. 10 a 12: Tempo da cólera e Tempo do fim, além das disputas do “Rei do Norte” com o “Rei do Sul”.^[2][1]

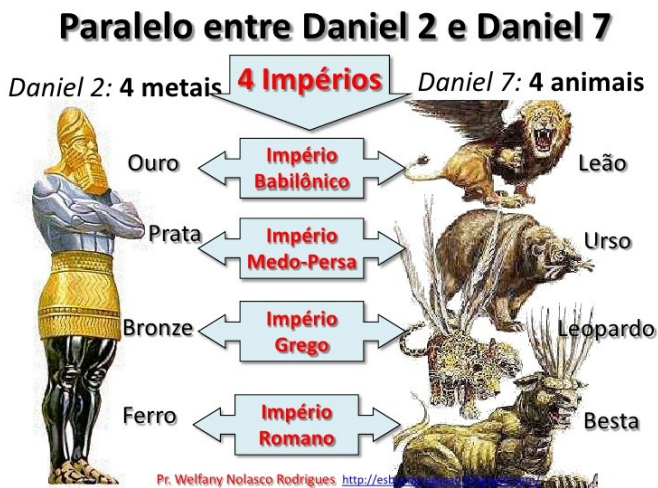
É fato que Daniel se utilizou das profecias de Isaías, Jeremias e Ezequiel para profetizar, dando maiores detalhes e ampliando ainda mais os oráculos. A profecia mais conhecida é dos quatro

grandes impérios que dominaram o mundo antes de Cristo e até alguns séculos após, e foram retratados pelo profeta como as quatro grandes feras, sendo elas a do leão com duas asas que representava o império babilônico, o urso com três costelas na boca que representava o império medo-persa, o leopardo com quatro cabeças e quatro asas que representava o império grego e o grande dragão de dez chifres que representava o império romano.

Contudo, alguns historiadores da escatologia bíblica apontam a fera do leopardo com quatro cabeças para o império persa e a visão do dragão espantoso com dez chifres ao início do período helenístico com a figura de Alexandre, o grande, e a sua sucessão em outros quatro reinos. Outros historiadores apontam a figura da fera do leopardo com quatro cabeças a do império grego e sua subdivisão na figura dos quatro generais que sucederam a Alexandre, o grande, bem como a última grande fera com dez chifres ao império romano e seus dez reis, ou imperadores mais

proeminentes.

Daniel ainda descreveu em detalhes as guerras que sucederam o império medo-persa para os gregos, dando ainda um viés para a invasão da aliança grega síria em Jerusalém por volta de 167 a.C. a 164 a.C., que é o objetivo deste estudo. Há ainda um paralelo entre o sonho de Nabucodonosor de sua estátua com as grandes feras, tal qual podemos observar na figura abaixo:



Essa demonstração é dada pelos cristãos atuais que reverberam a expansão das profecias de Daniel até a culminância da queda de Roma por

volta de 476 d.C. que está detalhadamente preconizada no Apocalipse de João que não será nosso objetivo destrinchar no momento, deixando-o para desenvolver numa outra obra distinta desta, que a precede.

O historiador e professor Sebastião Pinheiro Martins (1967 -), formado na UFRJ, em sua obra ***Apocalipse ou História?*** nos traz uma importante informação sobre esta profecia de Daniel das feras. Vejamos:

Daniel teria tido uma visão na qual lhe apresentam, emergindo do mar, primeiro um leão com asas de águia, representando o império neobabilônico; depois, um urso, representando o império medo; em seguida, uma pantera com quatro cabeças e quatro asas, representando o império persa; e, finalmente, uma fera espantosa com dentes de ferro e dez chifres, na qual nasceu ainda um chifre menor, no lugar de três que lhe haviam sido arrancados; era o império helenístico fundado por Alexandre (*Daniel 7,3-8*) (MARTINS. S. P. 2010. p. 26)

A narrativa apresentada pelo professor Pinheiro Martins e a conhecida interpretação para as feras de Daniel (Daniel 7,1-8) são concordantes, uma vez que a própria **Bíblia de Jerusalém** corrobora e nos esclarece:

Sonho de Daniel: as quatro feras

Dn 7,1-8: **A visão das feras^b** - No primeiro ano de Baltazar, rei da Babilônia, Daniel, estando em seu leito, teve um sonho, e visões lhe assomaram à sua mente. Ele redigiu o sonho por escrito. Eis o começo da narrativa. Tomou a palavra Daniel, dizendo: Eu estava contemplando a minha visão noturna, quando vi os quatro ventos do céu que agitavam o grande mar. E quatro feras monstruosas subiam do mar, uma diferente da outra. A primeira^c era semelhante a um leão com asas de águia. Enquanto eu contemplava, suas asas lhe foram arrancadas e ele foi erguido da terra e posto em pé sobre suas patas como um ser humano, e um coração humano lhe foi dado. Apareceu a segunda fera^d, completamente diferente, semelhante a um urso, erguido de um lado e com três costelas na boca, entre os seus dentes. E a estes diziam: “Levanta-te, devora muita carne!”. Depois disso, continuando a olhar, vi ainda outra fera^e, semelhante a um leopardo, que trazia sobre os flancos quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado o poder. A

seguir, ao contemplar essas visões noturnas, vi a quarta fera^f, terrível, espantosa e extremamente forte; com enormes dentes de ferro; que comia, triturava e calcava aos pés que restava. Muito diferente das feras que a haviam precedido, tinha esta dez chifres. Enquanto considerava esses chifres, notei que surgia entre eles ainda outro chifre pequeno^g, diante do qual foram arrancados três dos primeiros chifres pela raiz. E neste chifre havia olhos como olhos humanos, e uma boca que proferia palavras arrogantes.^h

b) a visão é paralela ao sonho de Nabucodonosor ao cap. 2. Os quatro reinos que desaparecerão diante do “Filho do Homem” correspondem aos quatro metais da estátua derrubada pela pedra misteriosa (cf 2,28+). O sentido mais claramente ainda pelo uso que dela faz Ap 13.

c) O império da Babilônia.

d) O reino dos medos: segundo as concepções históricas do livro, os medos sucedem imediatamente aos babilônios (cf. 6,1+).

e) O reino dos persas.

f) O reino de Alexandre (falecido em 323) e de seus sucessores (cf 2,40; 8,5; 11,3). Os dez chifres são os reis da dinastia Selêucida. O “chifre” é frequentemente empregado como símbolo de força e de poder (cf SI 75,5; 89,18; 92,11; Dt 33,17; 1 Rs 22,11 etc).

g) Antíoco IV Epifanes (175-163), que só adquiriu proeminência ao se desembaraçar de certo número de seus concorrentes.

h) Traços que indicam ao mesmo tempo a eloquência hábil e a arrogância blasfematória de Antíoco (cf. v. 25; 11,36; 1Mc 1,21.24.45 e Ap 13,5). (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1567)

Como pudemos observar, tanto a visão da história, quanto a posição de exegetas católicos, as profecias de Daniel, ante as quatro feras e a estátua de Nabucodonosor estão datadas o seu cumprimento no período do fim da era helenística em 63 a.C. quando os romanos dominam a região.

A tentativa de atrelar a quarta fera ao império romano, ajustando ao livro do Apocalipse, soa como um ajuste para satisfazer a fé de muitos cristãos, mas que não há amparo nem na história, nem mesmo na teologia tradicional. É o que fundamentaremos mais adiante!

2. Período em que viveu Daniel e suas visões

Como contextualiza o professor Pinheiro Martins, é bem provável que a figura de Daniel nem tenha existido. Para tanto, vamos citar a sua obra ***Apocalipse ou História?*** Vejamos:

Para começar, é bem provável que este personagem sequer tenha existido realmente! Ele teria sido uma figura lendária cujas histórias

circulavam amplamente no folclore hebreu, e que representava o protótipo do fiel israelita que conseguia sobreviver às intrigas de uma corte pagã, graças à ajuda de Deus. Seu nome, sugestivamente, significa “Deus ajudou”, o que já o aponta como o personagem ideal para a divulgação de profecias apocalípticas. No Livro de Ezequiel, Daniel é citado como um homem muito sábio que conhece os segredos futuros e que seria um dos três sobreviventes, junto a Noé e Jó, da ira de Deus contra os pecados do homem (*Ezequiel 14,4; 28,3*)

Por duas vezes, Daniel é também chamado pelo nome babilônico de Beltessazar ou Baltazar (*Daniel 4,15-16; 10,1*), que seria o de um personagem do folclore mesopotâmico que talvez fosse o herói original dos contos, posteriormente adaptados para a cultura monoteísta judaica.⁹

Também a localização histórica de Daniel já seria problemática, a não ser que aceitemos que esse profeta tenha tido uma vida bem longa. Segundo a Bíblia, ele teria vivido desde o tempo de Nabucodonosor II (isto é, entre 605 e 562 a.C.) até, pelo menos, a queda de Babilônia nas mãos de Ciro, rei da Pérsia, em 539, ocasião em que Babilônia era governada por Nabonide (559-539 a.C.). O Livro de Daniel erra, inclusive, ao chamar o príncipe Baltazar, filho de Nabonide, de “filho de Nabucodonosor”, e de “rei”, quando, no máximo, teria sido apenas regente (*Daniel 5,1-2*). Historiadores verificaram ainda que em Daniel 3,5, a música tocada na corte de Nabucodonosor é executada por uma orquestra que se utiliza de

instrumentos com nomes gregos, e não babilônicos ou hebraicos, como seria de se esperar. Chega-se mesmo a empregar a palavra grega *symphonia*, origem do termo “sinfonia” em nossas línguas modernas. Isto seria impossível caso o texto tivesse sido realmente escrito na época de Daniel (século VI a.C.)¹⁰. A presença dessas palavras gregas no Livro de Daniel comprovariam que os seus primeiros capítulos datam do século III a.C., época em que a influência cultural helenística consolidou-se no Oriente Próximo.

Tudo isso apenas demonstra que tais narrativas foram escritas séculos depois daquela época, quando esses fatos históricos já haviam se diluído na memória coletiva e sofrido distorções oriundas da transmissão oral, que precedeu seu registro por escrito.

⁹Ibidem.

¹⁰Idem, ibidem. (MARTINS, S. P. 2010, p. 21-23)

Como pudemos observar, há muitos elementos no livro de Daniel que provavelmente foram registrados após séculos de sua ocorrência, o que nos leva a tratar como hipótese, pela evidência interna do texto, que talvez este personagem possa ser apenas uma figura mítica e que seus oráculos

foram construídos para dar mais resistência aos judeus ante a dominação das nações helênicas.

3. Contextualizando suas profecias e seus cumprimentos

Como já bem delineamos, as profecias de Daniel já deviam circular na tradição oral dos hebreus, desde o período de sua subjugação ao império Babilônico, quando foram levados cativos a esta nação no século VI a.C.

Corroborando a esta tese, apresentamos evidências de que o texto do livro de Daniel apresenta redações em seu princípio hebraico, seu desenvolvimento em aramaico e sua conclusão em grego, o que denota que este livro atravessou os séculos a sua redação e influência, tal qual identificamos suas profecias concluídas seus cumprimentos até o século I a.C. com o fim do período helênico.

Como estudamos o tema, muito deste livro foi levado aos primeiros cristãos a redigirem o Apocalipse de João, bem como serviram de pano de

fundo ao sermão escatológico de Jesus, onde muito ainda acreditam seu cumprimento nos nossos dias. É o que defenderemos o seu contexto histórico ainda no primeiro século da Era Cristã.

4. Daniel, profeta ou apenas um enviado do Eterno?

Esta é uma pergunta que ainda não podemos respondê-la com exatidão se realmente o profeta Daniel existiu, mas que seus oráculos permanecem até os dias de hoje vivos no imaginário Cristão, como se houvesse no Tanah uma comprovação das profecias do Apocalipse, o que já demonstramos que esta não é a visão academicamente plausível e que existe somente na fé dos Cristãos que ainda defendem.

5. O desfecho do livro de Daniel e a profecia da ressurreição

Sabemos que o desfecho do livro de Daniel finaliza no capítulo 12 na Bíblia Hebraica, mas que na versão Católica ela termina no capítulo 14, em

sua versão grega adicionada os versos 24 a 90 do capítulo 3, o capítulo 13 e 14 contidos na Septuaginta. O que vamos analisar aqui é justamente a pregação sobre a ressurreição dos mortos em (Dn 12,2-4). Vejamos a obra ***Analisando as Traduções Bíblicas*** do professor Severino Celestino da Silva.

Em João 5:28, Jesus se refere ao texto de Daniel 12:2: **“Não vos admireis com isto: vem a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a minha voz e sairão; os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento”**.

Jesus afirmou ainda: **“Eu sou a ressurreição e a vida”**. (João 11:25) e segundo o texto original de Daniel 12:2, muitos despertarão para o mundo de **“vida”**, ou seja, muitos se encontrarão num estágio tão evoluído, que já estarão no mesmo nível do Cristo. Poderíamos dizer que muitos despertarão para o mundo do Cristo. Lembremos que Ele nos afirmou: **“Vós sois deuses”**, João 10:34. Veja também o Salmo 82:6.

Assim, os outros despertarão para o mundo da vergonha e da ignomínia. Aqueles que ainda permanecerem no erro **“despertarão”** suas consciências e perceberão todo o mal praticado e com isto sofrerão muito, viverão, na verdade, um

mundo de vergonha e ignomínia. Com suas consciências despertas, partirão para a reparação dos seus erros, numa verdadeira caminhada em busca de nova vida através de Reencarnações sucessivas. Nada faz sofrer mais do que a consciência de ter prejudicado o semelhante. (SILVA, S. C. 2012. p. 231-232) (grifo no original)

Como observamos, esta é uma alusão ao período profético e messiânico de Jesus, de acordo com sua declaração que encontramos dentro do contexto do capítulo 5 do Evangelho de João.

6. Qual o significado da Abominação da Desolação e o Lugar Santo

A abominação da desolação tem duas ocorrências nas Escrituras, sendo uma delas em (Dn 12,11) e a outra em (Mt 24,15). Ambas estão atreladas ao Lugar Santo. A abominação da desolação são eventos idênticos e que aconteceram em épocas distintas. A primeira ocorrência se deu na época profetizada por Daniel e remetia ao evento de Antíoco IV Epifanes invadir e saquear o Templo de Jerusalém e colocar uma

estátua de Júpiter para ser adorada, abolindo o judaísmo por 3 anos e meio, ou seja, 1290 dias entre os anos de 167 a.C. e 164 a.C.

Já a segunda ocorrência se deu quando Jesus, utilizando-se de um *midrah*, profetizou o mesmo evento, a fim de dar os sinais da Grande Tribulação. Usando desta mesma prática judaica, houve o seu cumprimento na tentativa de Caio Cesar, ou seja, o Imperador Calígula que forçou colocar no Templo uma estátua sua para ser adorada, mas que por comoção de Caio Cesar, a estátua foi parar em Roma.

O Lugar Santo só pode ser um apenas, que é o Santo dos Santos no Templo de Jerusalém, onde ficava a arca da aliança com as tábuas da Lei de Moisés e o cajado de Aarão. Dessa forma, definimos estes dois importantes símbolos e daremos início das demais interpretações para chegarmos ao nosso objetivo de demonstrar que a grande tribulação se cumpriu no período da primeira guerra judaico-romana.

7. Os 1.290 dias de Daniel e os 1.296 dias de Flávio Josefo

Esta referência se encontra em (Dn 12,11), onde Flávio Josefo corrige esta profecia de Daniel em 1290 dias para 1296 dias que veremos mais adiante (JOSEFO, F. 2004, p. 477). Muitos erroneamente atribuem esta profecia como se fossem 1290 anos, já que um dia para Deus corresponde a mil anos (2Pe 3,8). Os Adventistas do 7º dia atribuem esta interpretação ao livro de Daniel, bem como Emmanuel comete este mesmo equívoco em sua obra *A Caminho da Luz*, especificamente no capítulo XIV, onde atribui ao papado ser a besta apocalíptica (XAVIER, F. C. 2010, p.153), ao qual não será nosso objetivo tratar agora, mas numa obra futura a esquadrihar o livro do Apocalipse de João e os apócrifos.

8. Determinação de um tempo, dois tempos e a metade de um tempo

Neste ponto da profecia de Daniel, muitos dos estudiosos bíblicos remetem a grande

tribulação preconizada por Jesus, um pouco antes de sua crucificação, porém, podemos observar que Josefo dá uma outra roupagem de interpretação diante da tradição judaica intertestamentária, como podemos observar. Vejamos o que diz Josefo em sua obra ***História dos Hebreus***:

Direi de que modo o rei Antíoco Epifânio, depois de ter tomado Jerusalém e de tê-la possuído durante três anos e meio, de lá foi expulso pelos filhos de Matatias, hasmoneu. Como a divisão suscitada entre seus sucessores, com relação à posse do reino, atraiu os romanos sob o comando de Pompeu. Como Herodes, filho de Antípatro, com o auxílio de Sósio, general do exército romano, pôs fim à dominação desses príncipes hasmoneus. Como depois da morte de Herodes, sob o reinado de Augusto, Quintílio Varo, governador da Judeia, o povo se revoltou. Como no décimo segundo ano do reinado de Nero, começou a guerra; o que se deu sob Céstio, que comandava as tropas romanas; os primeiros feitos dos judeus e as praças que eles fortificaram. Como as perdas sofridas em várias ocasiões por Céstio, fizeram Nero temer pelo êxito de suas armas e ele as entregou a Vespasiano. Como esse general, acompanhado pelo mais velho de seus filhos, entrou na Judeia com um grande exército romano; como um grande número de suas tropas auxiliares foi

desbaratada na Galileia, como ele tomou algumas cidades dessa província e outras se entregaram a ele. Referirei também sinceramente, segundo o que vi e constatei com meus próprios olhos, o proceder dos romanos nas suas guerras, sua ordem e sua disciplina: a extensão e a natureza da alta e da baixa Galileia, os limites e as fronteiras da Judeia, a qualidade da terra, os lagos e as fontes, que aí se encontram e os males suportados pelas cidades que foram tomadas. Não deixarei de falar do mesmo modo daqueles que experimentei em minha vida e que são bem conhecidos. (JOSEFO, 2004, p. 1004, grifo nosso)

O que podemos destacar é que houve a menção de Josefo de um período de três anos e meio que é justamente a mesma relação à profecia de Daniel, ao qual não remente à época de Jesus, mas a um período anterior por volta de 167 a.C. a 164 a.C. que a profecia se cumpre.

9. Cessando os sacrifícios e o período de proibição da prática do Judaísmo

A partir do momento em que Antíoco IV Epifanes invade e toma Jerusalém, ele abole os

sacrifícios no Templo e institui o paganismo por três anos e meio conforme ocorrera na profecia de Daniel. Vejamos o que diz Josefo em sua obra

História dos Hebreus:

1. No mesmo tempo em que, por um sentimento de glória tão comum entre os grandes príncipes, Antíoco Epifânio e Ptolomeu, sexto rei do Egito, estavam em guerra, para decidir pelas armas a quem pertenceria o reino da Síria, os maiores dos judeus estavam divididos entre si. O partido de Onias, sumo sacerdote, tendo-se tornado mais forte, expulsou de Jerusalém o filho de Tobias. Eles retiraram-se para junto do rei Antíoco, rogaram-no que entrasse na Judeia e ofereceram-se para servi-lo, com todas as suas forças. Como ele já tinha formado o seu desígnio, não tiveram dificuldade em obter dele o que desejavam. Ele se pôe em campo com um poderoso exército, tomou Jerusalém e matou um grande número dos que eram do partido de Ptolomeu. **Permitiu o saque aos seus soldados, despojou o Templo de tantas riquezas de que estava cheio e aboliu durante três anos e meio os sacrifícios que ali se ofereciam todos os dias a Deus.** Onias fugiu para junto de Ptolomeu, que lhe permitiu construir perto de Heliópolis uma cidade e um Templo da forma do de Jerusalém, de que poderemos falar a seu tempo. (JOSEFO, 2004, p. 1006, grifo nosso)

Com esta dominação grega síria, os Judeus foram expulsos de Jerusalém e construíram uma réplica do Templo de Jerusalém perto de Heliópolis.

10. A imposição da adoração pagã e a revolta judaica

Após o domínio de Antíoco IV Epifanes do Templo de Jerusalém, houve a profanação do templo com sacrifícios de animais proibidos pela lei de Moisés. Vejamos o que diz Josefo em sua obra *História dos Hebreus*:

2. Antioco não se contentou de se ter tornado, contra sua esperança, senhor de Jerusalém, de lá ter tirado tantas riquezas e de ter derramado tanto sangue, mas deixou-se levar de tal modo pelo ressentimento, pela lembrança das amarguras que tinha suportado, naquela guerra, que obrigou os judeus a renunciar à sua religião, a não mais mandar circuncidar seus filhos e a imolar sobre o altar, destinado para os sacrifícios, porcos, em vez de vítimas que nossas leis obrigam a oferecer a Deus. O horror que os maioraes e as pessoas de bem não podiam deixar de demonstrar por essa abominação custava-lhes a vida: pois Baccida, que governava por

Antioco, todos os lugares da Judeia, sendo naturalmente muito cruel, executava com alegria suas ordens ímpias. Sua insolência e suas violências chegavam a tal excesso que não havia ultraje que ele não fizesse mesmo às pessoas de condição e suas incríveis maldades faziam ver, cada dia, uma nova e espantosa imagem da tomada e da desolação dessa cidade, antes tão poderosa e tão célebre. (JOSEFO, 2004, p. 1006-1007, grifo nosso)

Ao abolir o judaísmo, não satisfeito, Antíoco ainda profana o Templo de Jerusalém em sacrificar porcos no altar que eram animais impuros segundo a lei e indignos de serem consumidos após o sacrifício.

11. O tempo dos Macabeus e dois líderes expulsam os invasores

Os leitores encontrarão estes registros somente nos livros de I e II Macabeus que esclarecem o tema, ao qual os irmãos Judas e Matias Macabeu expulsam Antíoco IV Epifanes de Jerusalém. Vejamos o que diz Josefo em sua obra ***História dos Hebreus***:

3. Mas por fim, tão insuportável tirania animou os que a toleravam a se libertarem dela e a tomarem vingança. Matias (ou Matatias, Macabeu), sacerdote que morava na aldeia de Modim, seguido por seus cinco filhos e seus domésticos, matou Baccida e fugiu para as montanhas, a fim de evitar o furor das guarnições mantidas por Antioco. Muitos reuniram-se a ele e então ele desceu aos campos, deu combate aos chefes das tropas desse príncipe, venceu-as e as expulsou da Judeia. **Estes felizes resultados elevaram-no a tão alto grau de glória que todo o povo, para lhe mostrar seu agradecimento por tê-lo libertado da escravidão, escolheu-o para comandá-lo e ele deixou, ao morrer, Judas Macabeu, o mais velho de seus filhos, como sucessor de sua fama e de sua autoridade.** (JOSEFO, 2004, p. 1007, grifo nosso)

Nesta campanha houve a morte de Judas Macabeu que deu por fim a expulsão dos gregos sírios de Jerusalém.

12. Os 1.335 dias e a purificação do Templo de Jerusalém

A profecia de Daniel retrata os 1.335 dias após a retomada do Templo de Jerusalém e o

cumprimento da purificação diante de sacrifícios profanos proferidos por Antíoco IV Epifanes, conforme registro em (Dn 12,12). Vejamos o que diz Josefo em sua obra ***História dos Hebreus***:

4. Como esse generoso filho, de tão generoso pai, não podia duvidar dos esforços que Antioco faria para se vingar das perdas recebidas, reuniu todas as forças da nação e foi o primeiro que fez aliança com os romanos. Antioco não deixou, como ele havia previsto, de entrar com um poderoso exército na Judeia e esse grande general venceu-o numa batalha. Para não perder o fruto e não deixar esfriar-se a coragem de suas tropas, ele foi no ardor da vitória atacar a guarnição de Jerusalém que ainda estava inteira, expulsou-a da cidade alta, que tem o nome de santa e a obrigou a se refugiar na cidade baixa. **Assim, tornou-se senhor do Templo, purificou-o, rodeou-o com um muro, mandou fazer vasos novos, para empregá-los no serviço de Deus, colocou-os no Templo no lugar dos que haviam sido profanados, fez construir um outro altar e recomeçou a oferecer a Deus os sacrifícios.** (JOSEFO, 2004, p. 1007-1008, grifo nosso)

Após a retomada do Templo e sua purificação, definitivamente os gregos e sírios

havam sido expulsos de Jerusalém no tempo dos Macabeus. Sabemos que o tempo de purificação do Templo poderia chegar a 16 dias, de acordo com a referência em 2ª Crônicas 29,17. Certamente, após os 1.296 dias da batalha, temos a contabilização dos 1.335 dias que, subtraindo, teríamos 39 dias, e pelo período de 16 dias, no mínimo, para a purificação do Templo e a esperança àqueles que chegassem ao fim deste período. Diante deste fato, houve um alongamento na purificação do Templo de Jerusalém.

13. A tradição judaica e o cumprimento desta profecia

Ainda em Josefo, vemos a tradição judaica que interpreta a passagem de Antíoco IV Epifanes como cumpridora do evento da abominação da desolação no lugar santo do Templo de Jerusalém, bem como os três anos e meio de batalhas que se sucederam na época dos Macabeus, culminando com a expulsão dos gregos sírios de Jerusalém. Vejamos o que diz Josefo em sua obra ***História dos***

Hebreus:

Depois que ele se ergueu, viu um carneiro que tinha vários chifres, sendo o último maior que os outros. Voltando os olhos para o lado do ocidente, viu aproximar-se um bode, que se chocou com o carneiro, derrubou-o e o pisou. Viu depois sair da frente desse bode um chifre bem grande, que foi quebrado, e dele saíram outros quatro, voltados para os quatro ventos. Entre esses quatro chifres, surgiu, um menor. **Deus lhe disse que esse chifre, quando crescesse, faria guerra à sua nação, tomaria Jerusalém, aboliria todas as cerimônias do Templo e durante mil e duzentos e noventa e seis dias proibiria que ali se oferecesse m sacrifícios.**

Depois que Deus lhe manifestou essa visão, explicou-a deste modo: o carneiro significava o império dos medos e dos persas, cujos reis eram representados pelos chifres. O maior era o último deles, porque sobrepujava a todos em riquezas e em poder. O bode significava que viria da Grécia um rei que venceria os persas e se tornaria senhor daquele grande império – o chifre grande significava esse rei. Os quatro chifres pequenos nascidos desse grande chifre e que se dirigiam para as quatro partes do mundo representavam que depois da morte desse soberano dividiriam entre si esse grande império, embora não fossem nem seus filhos nem seus descendentes. **Eles reinariam durante vários anos, e de sua posteridade viria um rei que faria guerra aos judeus, aboliria todas as suas leis e toda a forma de sua república,**

saquearia o Templo e durante três anos proibiria que ali se oferecessem sacrifícios. Isso tudo aconteceu sob o reinado de Antíoco Epifânio.

Esse grande profeta deu também notícia do império de Roma e da extrema desolação a que reduziria o nosso país. Deus lhe tornou patentes todas essas coisas, e ele as deixou por escrito para serem admiradas pelos que lhe vissem os efeitos, para mostrar os favores que recebera dEle e para confundir os erros dos epicureus, que, em vez de adorarem a Providência, dizem que Ele não se importa com os interesses deste mundo e que a terra não é conservada nem governada por essa suprema Essência, igualmente bem-aventurada, incorruptível e onipotente, mas subsiste por si mesma. Se eles considerassem verdade o que dizem, ver-se-iam logo perecendo como um navio que, não tendo piloto, é batido pela tempestade ou como um carro sem condutor, que é arrastado pelos cavalos. Não pode haver melhor prova que as profecias de Daniel para nos fazer constatar a loucura de quem não aceita que Deus tenha cuidado com o que se passa sobre a terra. Pois se tudo o que acontece no mundo é por acaso, como explicar o cumprimento de todas essas profecias? Julguei meu dever relatar tudo isso conforme o que encontrei nos Livros Santos, mas deixo a cada qual liberdade para ter outras opiniões ou acreditar no que quiser". (JOSEFO, F. 2004, p. 477-478)

14. Sermão profético de Jesus

Aproximando-se de sua crucificação, Jesus esteve junto de seus discípulos, próximo ao Templo, e fez a seguinte profecia:

Mateus 24

2. DISCURSO ESCATOLÓGICO

24 A Introdução — ¹Saindo do Templo, Jesus caminhava e os discípulos se aproximaram dele para mostrar-lhe as construções do Templo. ²Ele disse-lhes: “Estais vendo tudo isto? Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida”. ³Estando ele sentado no monte das Oliveiras, os discípulos se aproximaram dele, a sós, dizendo: “Dize-nos quando vai ser isso, e qual o sinal da tua Vinda e da consumação dos tempos”.

O princípio das dores — ⁴Jesus respondeu: “Atenção para que ninguém vos engane. ⁵Pois muitos virão em meu nome, dizendo: 'O Cristo sou eu', e enganarão a muitos. ⁶Haveis de ouvir sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim. ⁷Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. ⁸Tudo isso será o princípio das dores.” ⁹Nesse tempo, vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por

causa do meu nome. ¹⁰E então muitos ficarão escandalizados e se entregarão mutuamente e se odiarão uns aos outros. ¹¹E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos. ¹²E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. ¹³Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. ¹⁴E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o Fim.

A grande tribulação de Jerusalém — ¹⁵Quando, portanto, virdes *a abominação da desolação*, de que fala o profeta Daniel, instalada no lugar santo — que o leitor entenda! — ¹⁶então, os que estiverem na Judeia fujam para as montanhas, ¹⁷aquele que estiver no terraço, não desça para apanhar as coisas da sua casa, ¹⁸e aquele que estiver no campo não volte atrás para apanhar a sua veste! ¹⁹Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! ²⁰Pedi para que a vossa fuga não aconteça no inverno ou num sábado. ²¹Pois naquele tempo haverá uma grande *tribulação, tal como não houve desde* o princípio do mundo *até agora*, nem tornará a haver jamais. ²²E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados. ²³Então, se alguém vos disser: 'Olha o Cristo aqui!' ou 'ali!', não creiais. ²⁴Pois hão de surgir falsos Cristos e *falsos profetas*, que *apresentarão grandes sinais e prodígios* de modo

a enganar, se possível, até mesmo os eleitos.
²⁵Eis que eu vo-lo predisse.

A vinda do Filho do Homem será manifesta —

²⁶Se, portanto, vos disserem: 'Ei-lo no deserto', não vades até lá; 'Ei-lo em lugares retirados', não creiais. ²⁷Pois assim como o relâmpago parte do oriente e brilha até o poente, assim será a vinda do Filho do Homem. ²⁸Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

A amplitude cósmica desse acontecimento —

²⁹Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. ³⁰Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. ³¹Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu.

Parábola da figueira — ³²Aprendeis da figueira

esta parábola: quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. ³³Da mesma forma também vós, quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas. ³⁴Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça. ³⁵Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. ³⁶Daquele dia e

da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai.

Vigiar para não ser surpreendido — ³⁷Como nos dias de Noé, será a Vinda do Filho do Homem. ³⁸Com efeito, como naqueles dias que precederam o dilúvio, estavam eles comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que *Noé entrou na arca*, ³⁹e não perceberam nada até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na Vinda do Filho do Homem. ⁴⁰E estarão dois homens no campo: um será tomado e o outro deixado. ⁴¹Estarão duas mulheres moendo no moinho: uma será tomada e a outra deixada. ⁴²Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. ⁴³Compreendi isto: se o dono da casa soubesse em que vigília viria o ladrão, vigiaria e não permitiria que sua casa fosse arrombada. ⁴⁴Por isso, também vós, ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais.

Parábola do mordomo — ⁴⁵Quem é, pois, o servo fiel e prudente que o senhor constituiu sobre a criadagem, para dar-lhe o alimento em tempo oportuno? ⁴⁶Feliz daquele servo que o Senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado. ⁴⁷Em verdade vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens. ⁴⁸Se aquele mau servo disser em seu coração: 'Meu senhor tarda', ⁴⁹e começar a espancar os seus companheiros, a comer e beber em companhia dos bebedores, ⁵⁰o

senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. ⁵¹Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p.1746-1749)

Marcos 13

13 Discurso escatológico. Introdução — ¹Ao sair do Templo, disse-lhe um dos seus discípulos: “Mestre, vê que pedras e que construções!” ²Disse-lhe Jesus: “Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida”. ³Sentado no monte das Oliveiras, frente ao Templo, Pedro, Tiago, João e André lhe perguntavam em particular: ⁴Dize-nos: quando será isso e qual o sinal de que todas essas coisas estarão para acontecer?”

O princípio das dores — ⁵Então Jesus começou a dizer-lhes: “Atenção para que ninguém vos engane. ⁶Muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou Eu’; e enganarão a muitos. ⁷Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos alarmeis: *é preciso que aconteçam*, mas ainda não é o fim. ⁸Pois *levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino*. E haverá terremotos em todos os lugares, e haverá fome. Isso é o princípio das dores do parto. ⁹Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e as sinagogas, e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dardes testemunho perante

eles. ¹⁰É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações. ¹¹Quando, pois vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que havereis de dizer; mas, o que for indicado naquela hora, isso falarei; pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo. ¹²O irmão entregará o irmão à morte, o pai entregará o filho. *Os filhos se levantarão contra os pais* e os farão morrer. ¹³E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

A grande tribulação de Jerusalém — ¹⁴Quando virdes a *abominação da desolação* instalada onde não devia estar — que o leitor entenda — então os que estiveram na Judeia fujam para as montanhas. ¹⁵aquele que estiver no terraço não desça, nem entre para apanhar alguma coisa em sua casa, ¹⁶aquele que estiver no campo não volte para trás a fim de apanhar a sua veste. ¹⁷Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! ¹⁸Pedi para que isso não aconteça no inverno. ¹⁹Pois naqueles dias *haverá uma tribulação tal, como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora*, e não haverá jamais. ²⁰E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, Ele abreviou os dias. ²¹Então, se alguém vos disser ‘Eis o Messias aqui!’ ou ‘Ei-lo ali!’ não creiais. ²²Hão de surgir falsos Messias e *falsos profetas*, os quais *apresentarão sinais e prodígios* para

enganara, se possível, os eleitos. ²³Quando a vós, porém, ficai atentos, Eu vos predisse tudo.

Manifestação gloriosa do Filho do Homem —

²⁴Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, *o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade,* ²⁵*as estrelas estarão caindo do céu, e os poderes que estão nos céus serão abalados.*

²⁶E verá o *Filho do Homem vindo entre nuvens* com grande poder e glória. ²⁷Então Ele enviará os *anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu.*

Parábola da figueira — ²⁸Aprendei, pois, a

parábola da figueira. Quando o seu ramo se torna tenro e as folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. ²⁹Da mesma forma, também vós, quando virdes essas coisas acontecendo, sabeis que Ele está próximo, às portas. ³⁰Em verdade vos digo que esta geração não passará até que tudo isso aconteça. ³¹Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém não passarão. ³²Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai.

Vigiar para não ser surpreendido — ³³Atenção,

e vigiai, pois não sabeis quando será o momento. ³⁴Será como um homem que partiu de viagem; deixou sua casa, deu autoridade a seus servos, distribuiu a cada um sua responsabilidade e ao porteiro ordenou que vigiasse. ³⁵Vigia, portanto, porque não sabeis quando o Senhor da casa voltará: à tarde, à meia-noite, ao canto do galo,

ou de manhã, ³⁶para que, vindo de repente não vos encontre dormindo. ³⁷E o que vos digo, digo a todos: vigiai!” (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 1778-1780)

Lucas 21

Discurso sobre a ruína de Jerusalém.

Introdução — ⁵Como alguns estavam dizendo a respeito do Templo que era ornado de belas pedras e de ofertas votivas, ele disse: ⁶“Estais contemplando essas coisas... Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida!” ⁷Perguntaram-lhe então: “Quando será isso, Mestre, e qual o sinal de que essas coisas estarão para acontecer?”

Os sinais precursores — ⁸Respondeu: “Atenção para não serdes enganados, pois muitos virão em meu nome, dizendo 'Sou eu!' e ainda: 'O tempo está próximo!' Não os sigais! ⁹Quando ouvirdes falar de guerras e subversões, não vos atemorizeis; pois é preciso que primeiro aconteça isso, mas não será logo o fim”. ¹⁰Disse-lhes então: *“Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino.* ¹¹E haverá grandes terremotos e pestes e fomes em todos os lugares; aparecerão fenômenos pavorosos e grandes sinais vindos do céu. ¹²Antes de tudo isso, porém, hão de vos prender, de vos perseguir, de vos entregar às sinagogas e às prisões, de vos conduzir a reis e governadores por causa do meu nome, ¹³e isso vos será ocasião de testemunho. ¹⁴Tende

presente em vossos corações não premeditar vossa defesa; ¹⁵pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer. ¹⁶Sereis traídos até por vosso pai e mãe, irmãos, parentes, amigos, e farão morrer pessoas do vosso meio, ¹⁷e sereis odiados de todos por causa de meu nome. ¹⁸Mas nem um só cabelo de vossa cabeça se perderá. ¹⁹É pela perseverança que mantereis vossas vidas!

O cerco — ²⁰Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação. ²¹Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes, os que estiverem dentro da cidade saiam e os que estiverem nos campos não entrem nela, ²²porque serão *dias de punição*, nos quais deverá cumprir-se tudo o que foi escrito." ²³Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!

A catástrofe e os tempos dos pagãos — Com efeito, haverá uma grande angústia na terra e cólera contra este povo. ²⁴E cairão ao fio da espada, levados cativos para todas as nações, e *Jerusalém será pisada por nações* até que se cumpram os tempos das nações.

As catástrofes cósmicas e a manifestação gloriosa do Filho do Homem — ²⁵Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra, as *nações* estarão em angústia, inquietas pelo *bramido do mar* e das ondas; ²⁶os homens

desfalecerão de medo, na expectativa do que ameaçará o mundo habitado, pois *os poderes dos céus serão abalados*.²⁷ E então verão *o Filho do Homem vindo numa nuvem com poder e grande glória*.²⁸ Quando começarem a acontecer essas coisas, erguei-vos e levantai a cabeça, pois está próxima a vossa libertação".

Parábola da figueira —²⁹ Em seguida contou-lhes uma parábola: "Vede a figueira e as árvores todas.³⁰ Quando brotam, olhando-as, sabeis que o verão já está próximo.³¹ Da mesma forma também vós, quando virdes essas coisas acontecerem, sabeis que o Reino de Deus está próximo.³² Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo aconteça.³³ O céu e a terra passarão; minhas palavras, porém, não passarão.

Vigiar para não ser surpreendido —³⁴ Cuidado para que vossos corações não fiquem pesados pela devassidão, pela embriaguez, pelas preocupações da vida, e não se abata repentinamente sobre vós aquele Dia,³⁵ como um *laço*; pois ele sobrevirá a todos os *habitantes da face* de toda a *terra*.³⁶ Ficai acordados, portanto, orando em todo momento, para terdes a força de escapar de tudo o que deve acontecer e de ficar de pé diante do Filho do Homem".

Os últimos dias de Jesus —³⁷ Durante o dia ele ensinava no Templo, mas passava as noites ao relento, no monte chamado das Oliveiras.³⁸ E

todo o povo madrugava junto com ele no Templo, para ouvi-lo. (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 1825-1827)

Destacamos a seguinte passagem: **“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam”** que se encontra nos três Evangelhos sinóticos, para colocar um importante ressalva que os fatos que se sucederam ao evento da grande tribulação se deram o seu cumprimento com a completa destruição do Templo de Jerusalém e a derrota final dos Judeus em 74 d.C. no suicídio coletivo de mil judeus em Massada. Em consonância ao que disse Jesus, Flávio Josefo confirma toda a profecia e dá o devido cumprimento da destruição do Templo pelos Romanos, através de Tito sob reinado de Vespasiano. Vejamos o que diz o tradutor de Flávio Josefo em sua obra ***História dos Hebreus***:

Não devemos considerar somente a ruína dos judeus como o mais espantoso efeito da justiça de Deus e a imagem mais terrível da vingança que ele exercerá no último dia, contra os

réprobos. **Devemos também considerá-la como uma das provas mais brilhantes que Ihe aprouve dar aos homens acerca da divindade de seu filho, pois tão prodigioso acontecimento tinha sido predito por JESUS CRISTO, em termos precisos e claros. Ele tinha dito aos seus discípulos, mostrando-lhes o Templo de Jerusalém, que todos aqueles grandes edifícios seriam de tal modo destruídos que não ficaria pedra sobre pedra.** Ele lhes havia dito que quando vissem as armas rodear Jerusalém deviam saber que sua desolação estaria próxima (Mc 1 3.2; Lc 19.44; 21.20; 21.23,24).

Ele tinha notado em particular as espantosas circunstâncias dessa desolação: “Ai”, disse Ele, “das mulheres que estiverem grávidas ou tiverem crianças de peito, naqueles dias, pois esse país será oprimido por males e a cólera do céu cairá sobre esse povo. Eles passarão pelo fio da espada; serão levados escravos para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios”. Por fim, Ele tinha declarado que o efeito dessas profecias estava prestes a acontecer; que o tempo se aproxima (Mt 23.33) e mesmo que aqueles que eram do seu tempo poderiam vê-lo. “Eu vos digo, em verdade”, disse ele, “que tudo isso virá acontecer sobre essa raça que existe hoje” (Mt 23.36).

Todas estas coisas tinham sido preditas por JESUS CRISTO e escritas pelos evangelistas, antes da revolta dos judeus, e quando não havia ainda nenhuma probabilidade de tão estranha

mudança. Assim como a profecia é o maior milagre e a maneira mais poderosa com que Deus autoriza a sua doutrina, essa profecia de JESUS CRISTO, à qual nenhum a outra é comparável, pode ser o encerramento e término das provas que deram a conhecer aos homens a sua missão e origem divina, pois nenhuma outra jamais foi tão pontualmente realizada. Jerusalém foi destruída por completo pelo primeiro exército que a sitiou e não ficou o menor vestígio daquele soberbo Templo, admiração do universo e objeto de orgulho dos judeus, e os males que os oprimiram correspondem claramente a essa terrível predição de JESUS CRISTO. (JOSEFO, F. 2004, p. 953-952, grifo nosso)

Esta é a nota do tradutor que coloca como **Advertência**, encontrada na obra de Flávio Josefo, que conheceu os eventos narradas nos Evangelhos e os fatos históricos contidos em Flávio Josefo. O fato de estamos citando ela, não estamos referendando a mesma como partindo de Flávio Josefo, mas entendendo que os Cristãos já interpretam o sermão profético de Jesus como cumprido na completa destruição do Templo de Jerusalém em 70 a.C.

15. Ocasão que levou a Jesus profetizar

Os eventos que levaram Jesus a profetizar estão situados justamente após o evento da expulsão dos vendilhões do Templo de Jerusalém, próximo a festa da Páscoa judaica. O Mestre sabia que sua missão estava chegando ao fim e com esta atitude, sua condenação e crucificação era iminente.

Dessa forma, a fim preparar os apóstolos para os eventos posteriores a sua morte, Jesus os adverte pela grande tribulação que passariam, regada de perseguições nas sinagogas, flagelos e morte para a maioria deles, vindo a permanecer vivo poucos de seus discípulos, a exemplo de João, o discípulo amado.

16. Sinais precursores da Grande Tribulação e Princípios das Dores

Houveram fatos precursores a Grande Tribulação que seria marcada como o princípio das

dores. Foi marcado os eventos da destruição do Templo, o sinal da vinda de Jesus e o fim daquela época (Mt 24,1-3).

Parindo esta introdução ao Sermão Escatológico de Jesus, vamos para a segunda parte dele que trata do **Princípio das Dores**, contido em (Mt 24,4-14).

A terceira parte se encontra o evento principal que é a **Grande Tribulação de Jerusalém**, contida em (Mt 24,15-25).

A quarta parte se encontra o evento da **Vinda do Filho do Homem será manifesta**, contido em (Mt 24,26-28).

A quinta parte da estrutura do sermão de Jesus contém a **amplitude cósmica desse acontecimento**, encontrada em (M 24,29-31).

A sexta parte contém a **Parábola da Figueira** que está registrada em (Mt 24,32-36).

A sétima parte da estrutura do sermão está contida o contexto de **vigiar para não ser**

surpreendido, encontrado em (Mt 24,37-44).

A última parte do sermão contém a **Parábola do Mordomo** que é encontrada em (Mt 24,45-51) que encerra, em resumo, todo o sermão escatológico de Jesus que destrincharemos.

17. Preconizado a destruição do Templo de Jerusalém

Esta profecia de Jesus está contida em (Mt 24,1-3) e foi logo a primeira abordagem do sermão profético de Jesus. A vinda de Jesus como líder político a liberar Israel do jugo de Roma era a expectativa dos seus discípulos (Mc 9,31-32; Mt 17,22-23; Lc 9,43-45). O messias sofredor versus o messias político que viria redimir Israel (Lc 24,18,21) era desconhecido pelos discípulos.

O importante a salientar da obra **Guerra dos Judeus - Volume I** é a tomada de Jerusalém por Antíoco IV Epifanes que por uma tentativa de colocar uma estátua pagã no Templo de Jerusalém cumpre a profecia de Daniel sobre a abominação da desolação ocupar o lugar santo, ou seja, o santo

dos santos do Templo onde ficava a arca da aliança. Jesus, pegando este mesmo símbolo, faz um *midrash* em sua época dando pistas desta nova profecia com uma nova roupagem quando Calígula, no **volume II** de **Guerra dos Judeus**, coloca uma estátua sua no Templo para ser adorada por toda a Jerusalém, provavelmente uns sete anos antes da destruição do Templo e em 70 d.C. como deflagrada o princípio das dores e da grande tribulação prevista por Jesus nos Evangelhos na queda de Jerusalém em 70 d.C. Outro ponto importante desta obra é destacar a águia de ouro que é colocada à frente do Templo de Jerusalém na época do reinado de Herodes e a atitude corajosa de Judas e Matias, dois judeus conhecedores da Lei de Moisés que derrubam a estátua e são mortos com mais 40 jovens queimados a mando de Herodes.

O mesmo Herodes morreu por volta de 4 a.C. onde a crítica textual alude o fato dele estar relatado nos Evangelhos como quem mandou assassinar as crianças na Judeia para tentar matar

a Jesus, o Rei dos Judeus, no mínimo Jesus teria morrido com 37 a 39 anos em 33 d.C. e não teria nascido no ano zero, mas no mínimo no ano 6 a.C. a 4 a.C.

18. Início da primeira revolta judaica - romana e a derrota do império

Encontramos na obra ***Guerra dos Judeus - volume II***, a investida de Céstio Galo, ao invadir a cidade de Cabul, que faz parte da Galileia, o exército romano percebeu que toda a população havia abandonado a cidade e fugido para o monte. Percebemos, em dois fatos históricos que por volta de 20 a 23 anos após a morte de Jesus, se cumprem a sua profecia sobre o princípio das dores. Dessa forma, está preconizado os primeiros eventos da guerra judaico-romana nos primeiros séculos da era Cristã, a confirmarem a primeira profecia cumprida de Jesus que assim disse: “Vocês ouvirão falar de guerras e **rumores de guerras**, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim”. (Mt

24,6).

O império romano vivia a *pax romana* que em latim designava a paz romana sem guerras civis em seu território de 28 a.C. declarada por Augusto, onde apenas haviam campanhas romanas na conquista de novas terras, durando até a morte de Marco Aurélio em 180 d.C. havendo assim a primeira e a segunda guerra judaico-romana neste período. Diante deste fato, há o cumprimento de outra profecia do Cristo que foi justamente o início do reino de Judá se levantando em revoltas contra o império romano, quebrando assim a paz existente entre estas duas nações, como bem relata Flávio Josefo em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume II**. Vejamos:

Anarquia em Judeia, Idumeia e Galileia

55

Então se produziram revoltas em muitos lugares do país e a situação do momento fez que muitos aspirassem ao trono. Na Idumeia se levantaram em armas dois mil soldados que antes haviam estado sob as ordens de Herodes e enfrentaram as tropas reais. Aquiab, primeiro rei, lutou contra eles dos lugares mais fortificados, sem chegar a

encontrar-se frente a frente na planície.
(JOSEFO, F. 2012b, p. 18)

Este não é o único evento registrado por Flávio Josefo, houve outros focos de revolta e guerras declarados no império. Dessa forma observamos outra profecia escatológica de Jesus a se cumprir quando disse: “Porquanto **se levantará nação contra nação**, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares”. (Mt 24,7).

Observem que Jesus declara que se levantará nação contra nação no singular, sem a menção de uma guerra global e longínqua, mas uma revolta localizada entre Judeus e Romanos.

Houve ainda a proliferação de falsos messias e enviados do Eterno, tal qual relata Flávio Josefo em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume II**. Vejamos:

57

Em Pereia, um dos escravos do rei, Simão, que estava convencido de sua beleza e de sua estatura, colocou um diadema e com um grupo

de bandidos, que havia reunido, incendiou o Palácio real de Jericó e outras muitas residências luxuosas, e assim, com o fogo conseguiu facilmente seu motim.

58

Haveria de queimar qualquer casa que tivesse boa aparência, se não houvesse saído ao seu encontro Grato, a comunidade da infantaria real, com os arqueiros de Traconide e com as tropas mais guerreiras de Sebaste.

59

Muitos habitantes de Pereia morreram na batalha. Grato impediu o passo do próprio Simão, quando tentava fugir por um escarpado barrancoso, e lhe deu um golpe de lado que lhe cortou o pescoço. Também ardeu o palácio de Betaramata, perto do Jordão na mão de alguns outros sublevados em Pereia. (JOSEFO, F. 2012b, p. 19)

Os sicários e os falsos profetas

258

Homens mentirosos e enganadores que, com o pretexto de estarem inspirados por Deus, buscavam inovações e mudanças. Incitaram a multidão a atuar como se estivessem possuídos pela divindade e os levaram ao deserto com a ideia de que ali Deus mostraria os sinais de sua libertação. (JOSEFO, F. 2012b, p. 53)

Os falsos profetas e falsos messias, tal como Apolônio de Tiana (15 d.C.-100 d.C.), Simão de Pereia narrado na obra de Flávio Josefo citada, Simão Bar Jonas e diversos outros. Traçando um paralelo a narrativa destes eventos históricos, observamos mais um cumprimento da profecia de Jesus quando disse: **“E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos”**. (Mt 24,11)

Esta recomendação, dentro do contexto, está direcionada aos apóstolos como escolhidos, e não aos Cristãos como um todo. Dentro desta perspectiva, entendemos que os sinais precursores do julgamento já apontavam na confirmação dos eventos que sucederam antes, durante e no fim da guerra judaica-romana. Dentro da perspectiva dos falsos profetas e falsos cristos, houve o registro de Flávio Josefo do falso profeta, Jesus, filho de Ananias, um agricultor, quando relata em sua obra ***Guerra dos Judeus - Volume VI***. Vejamos:

O falso profeta Jesus, filho de Ananias

300

Mais terrível ainda que isto foi o seguinte: um tal Jesus, filho de Ananias, um agricultor de classe humilde, quatro anos antes da guerra, quando a cidade se achava em uma paz e prosperava em importância veio à festa, na qual todos acostumavam erguer tendas em honra a Deus (N.T.: Deuteronômio 16,12 e Levítico 23,40-43), e de pronto se pôs a gritar no Templo:

301

“Vós do Oriente, vós do Ocidente, vós dos quatro ventos, vós que ides contra Jerusalém e contra o Templo, vós contra os recém-casados e contra as recém-casadas, vós contra todo o povo”. (N.T.: Assemelha-se a Jeremias 7,34);

302

la por todas as ruas vociferando estas palavras de dia e de noite. Alguns cidadãos notáveis se irritam diante destes maus augúrios, aprisionaram a Jesus e lhe deram como castigo muitos golpes. Mas ele, sem dizer nada em sua própria defesa e sem fazer nenhuma petição em particular aos que o atormentavam, seguiu dando os mesmos gritos que antes. (JOSEFO, F. 2012f, p. 63-64)

Este Jesus foi preso e durante anos repetia este comportamento e quando Jerusalém foi sitiada, ao qual desenvolveremos mais adiante, e percorreu as muralhas com os mesmos augúrios e

uma pedra o feriu gravemente à cabeça, vindo a morrer.

As revoltas continuam e a crueldade romana aumenta na proporção dos oráculos de Jesus ficarem mais intensos. Outro ponto crucial no início das revoltas judaicas foi a atitude de Gesio Floro que era procurador de Roma, tal qual relata Flávio Josefo em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume II**. Vejamos:

**Os últimos procuradores – Os crimes de
Gesio Floro
Revoltas Populares**

306

Três mil e seiscentos foi o total de pessoas que morreram naquele dia, contando as mulheres e crianças, pois nem sequer foram respeitados os recém-nascidos.

307

O que piorou a situação foi o fato de os romanos agirem com uma crueldade até então desconhecida. Floro se atreveu ao que antes ninguém havia feito, isto é, açoitar e crucificar diante de sua tribuna cidadãos da ordem equestre, que, apesar de serem judeus, gozavam também da dignidade romana. (JOSEFO, F. 2012b, p. 61)

Como podemos observar, faremos um cruzamento mais uma vez do evento histórico e da profecia de Jesus, quando disse “**E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará**”. (Mt 24,12)

Seguindo adiante no comentário sobre o princípio das dores, profetizado por Jesus, há uma referência do Mestre quanto ao famoso verso abaixo, onde extraímos da *Bíblia de Jerusalém* uma importante nota que corroborará como a nossa tese preterista. Vejamos:

Mt 24,13: Aquele, porém, que perseverar até o fim, este será salvo.^e

e) Os vv. 9-13 retomam os temas de 10,17-22 (que oferece um paralelo literal de Mc 13,9-13; Lv 21,12-19), mas introduzindo alguns elementos particulares que parecem fazer eco à perseguição dos cristãos em Roma sob Nero, depois do incêndio de 64 (“odiados de todos os povos por causa do nome”) e às traduções e ódio mútuo entre as próprias vítimas (“o amor de muitos esfriará”); cf. Tácito, Ann XV 44. (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 1747)

O Evangelho foi pregado em toda a terra

segundo o próprio apóstolo Paulo (Rm 10,18) em uma de suas últimas epístolas. A expressão toda a terra se refere a terra de Israel, tal qual fala o profeta Jeremias (23,15). Já em Apocalipse se refere a toda a terra de Israel também é mencionada (Ap 13,3). O registro de Marcos também alude como toda a terra, sendo ela a terra de Israel (Mc 15,33). Como podemos observar na **Bíblia de Jerusalém**, em nota, mais uma profecia de Jesus no encerramento do princípio das dores foi cumprida quando disse:

Mt 24,14: “E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro^f, como testamento para todas as nações. E então virá o fim.^g”

f) O “mundo habitado” (*oikoumene*), isto é, o mundo greco-romano. É preciso que todos os judeus do Império tenham ouvido a Boa Nova (cf. At1,8+, Rm 10,18). O Evangelho atingiu efetivamente todas as partes vitais do Império Romano desde antes da queda do Templo (cf 1Ts 1,8; Rm 1,5.8. Cl 1,6.23).

g) Isto é, o fim era a presente é a chegada do Reino de Deus em sua plenitude, cujo sinal antecipatório é a queda de Jerusalém. (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 1747)

A expressão que o Evangelho seria pregado em toda a Terra, antes da vinda de Jesus, é confirmada por Paulo que já dizia isto em uma de suas últimas epístolas registradas originalmente por ele, como a epístola aos Romanos (Rm 1,8; 10,18), dando margem de entendimento que o Evangelho havia sido pregado em todo o mundo conhecido àquela época (Cl 1,5-6; 1,2-3) e (2Tm 4,17). A datação das epístolas de Paulo são a de Romanos por volta do ano 57/58 d.C., a de Colossenses em 58-62 d.C. e a de 2ª Timóteo em 67 d.C. denotam a evolução deste pensamento de que o Evangelho do reino de Deus estava sendo pregado em todo o mundo conhecido dominado pelo império Romano.

O apóstolo Pedro também registra que era companheiro dos Cristãos ante a tribulação (1Pe 5,9). Passemos agora a outro evento após o princípio das Dores que é, de fato, a grande tribulação.

19. A Abominação da desolação de Daniel e o Midrash de Jesus

Após traçarmos o paralelo entre Daniel, que ao prever a abominação da desolação no lugar santo, sendo esta uma estátua de Júpiter para ser adorada a mando de Antíoco IV Epifanes e sucederam 1290 dias segundo Daniel e 1296 dias segundo Flávio Josefo de intensas batalhas dos Macabeus contra os gregos sírios até sua expulsão dos invasores. Com isso, houve o *midrash* de Jesus, que nada mais é do que o terceiro nível de interpretação das escrituras, ou seja, pega-se uma profecia cumprida e dá-lhe uma nova profecia, vejamos:

Dn 12,11 E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, e posta a **abominação desoladora**, haverá mil duzentos e noventa dias.

Mt 24,15 Quando, pois, virdes que a **abominação da desolação**, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda;

Após verificarmos a profecia de Daniel

cumprida em 167 a.C. a 164 a.C. e o *midrash* de Jesus, vemos o seu cumprimento como relata Flávio Josefo, em sua obra **História dos Hebreus**. Vejamos:

Estando eu ocupado com estes pensamentos que não me davam descanso, nem de dia nem de noite, sobreveio uma outra desgraça que não teríamos podido prever e que não importava somente na ruína de uma parte de judeus, mas que de toda a nação, acabou por me deixar aniquilado. Nós tínhamos seguido o imperador a Puteolo, onde viera divertir-se à beira-mar; ele passava o tempo em casas de recreio muito suntuosas e que aí existiam em grande número, em nada pensava, menos ainda em tomar conhecimento dos nossos interesses, que nos haviam obrigado a segui-lo e nem que esperávamos a todo momento o seu juízo. Um homem então chegou com o rosto perturbado, olhos esbugalhados, mal podendo respirar. Chamou alguns à parte e disse: “Não soubestes da terrível notícia?” Ele queria continuar, mas os soluços embargaram-lhe a voz e por mais que quisesse falar, não pôde fazê-lo. Pode-se julgar do nosso espanto e de nossa surpresa. Rogamos-lhe que nos revelasse a causa da sua aflição, pois não havia motivo para que ele tivesse vindo apenas para chorar diante de nós e se o assunto merecia tantas lágrimas, era bem justo que, estando tão acostumados a sofrer,

como estávamos, misturássemos as nossas com as suas. Ele então fez um novo esforço e disse entre suspiros que lhe entrecortavam as palavras: **“Está decretada a ruína do nosso Templo. O imperador ordenou que se colocasse a sua estátua no santuário e que se escrevesse na coluna o nome de Júpiter”**. Tão espantosa notícia deixou-nos quase petrificados, pois nos foi a mesma quase imediatamente confirmada, por outros. Retiramo-nos e nos encerramos em nossos aposentos para chorarmos a ruína particular e geral de nossa nação; como a dor é eloquente que não nos fez ela dizer? (JOSEFO, F. 2004, p. 1601, grifo nosso)

Após tão sacrilégio para os judeus, reviverem o que havia se libertado de Antíoco IV Epifanes, vemos que novamente a profanação do Templo estava próxima e logo no Lugar Santo como previa Jesus. A estátua de Caio Cesar após longos embates entre judeus e romanos não chegou a ocupar o Lugar Santo, sendo esta enviada a Roma, mas temos que esta profecia de Jesus se cumpriu dentro dos ditames do *midrash*. Vamos recorrer novamente a obra **Guerra dos Judeus - Volume II** de Flávio Josefo. Vejamos:

Calígula ordena colocar sua estátua no Templo

184

Cayo César, chegou a tal ponto de insolência com a Fortuna que quis ser chamado e considerado um deus, deixou a pátria sem seus mais distintos personagens, e levou sua impiedade até a Judeia.

185

Enviou Petrônio a Jerusalém com um exército para que pusesse no Templo suas estátuas e, no caso de que os judeus se negassem a isso, mandou matar a todos que se opusessem e escravizasse o resto do povo.

186

Porém, eis aqui que Deus se interessou por estas ordens, Petrônio se dirigiu desde Antioquia a Judeia com três legiões e com muitos aliados da Síria.

187

Alguns Judeus não estavam seguros de que pudessem ocasionar a guerra e, em troca, outros, ainda que acreditassem, não tinham meios para defender-se. Ao chegar o exército a Ptolemaida, rapidamente se estendeu o medo entre toda população. (JOSEFO, F. 2012b. p. 40-41)

Como podemos constatar, após o paralelo

entre a profecia de Daniel, o seu cumprimento em Antíoco IV Epifanes e o *midrash* de Jesus, e seu cumprimento em Calígula, entendemos que os eventos que se sucedem a **Grande Tribulação** são meramente fatos históricos. Para tanto, vamos recorrer a ***Bíblia de Jerusalém*** e corroborar nossa tese à referência de (Mt 24,15) em relação a **abominação da desolação**^h. Vejamos:

h) Ao que parece, Daniel designava com essa expressão um altar pagão que Antíoco Epifanes ergueu no Templo de Jerusalém em 168 a.C. (cf. 1Mc 1,54). A explicação evangélica realizou-se quando a Cidade santa e o seu Templo foram atacados e depois ocupados pelos exércitos gentílicos de Roma (cf. Lc 21,20). (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1747)

Após a morte de Calígula que governou por três anos e oito meses, sobre ao poder Cláudio por volta de 41 d.C. observamos que neste período mais um oráculo de Jesus é cumprido.

20. A fuga de judeus de sua cidade para as montanhas

Após os eventos escatológicos tomarem corpo com o conhecimento da abominação da desolação, preconizada no *midrash* de Jesus, há um significativo aumento da revolta judaico-romana.

A primeira ação dos judeus foi a tomada da fortificação de Massada, com a completa destruição dos soldados romanos que foram degolados, havendo assim uma certa divisão entre os judeus.

Após os judeus tomarem Massada, o judeu Manahen, filho de Judas, chefe dos revolucionários derrota uma guarnição romana em Jerusalém. Detiveram o sumo sacerdote Ananias e o executaram junto com seu irmão Ezequias. Entretanto, se levantou Eleazar e derrotaram Manahen e o executaram em Olfa que era uma cidade a oeste de Jerusalém.

Em contrapartida, Gesio Floro executou vinte mil judeus em Cesaréia e na Síria, levando o restante cativo para o norte. A revolta tomava um

certo corpo com revoltas isoladas como Ascalão e Ptolemaida que mataram mais de dois mil judeus em cada uma delas. Houve ainda a morte de mais de cinquenta mil judeus em Alexandria na revolta com os gregos que não pouparam nem as mulheres e as crianças.

Como bem observamos no tópico anterior, mais uma profecia escatológica de Jesus se cumpre, que a fuga de uma cidade inteira de Cabul, na região da Galileia, quando o exército romano marcha rumo a Jerusalém para tomar o poder, como podemos observar a narrativa de Flávio Josefo em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume II**. Vejamos:

A campanha de Céstio Galo – Ocupação de Galileia

501

Céstio avançou com uma parte do exército contra uma cidade fortificada de Galileia, chamada Cabul, que faz fronteira entre a região judia e Ptolemaida.

502

Encontrou-a sem pessoas, de uma vez que a população havia fugido para as montanhas,

mas encontrou-a cheia de todos os tipos de riquezas. Permitiu aos soldados que saqueassem esses bens e colocassem fogo na cidade, apesar da administração que sentiu pela beleza dos edifícios que havia, similares aos que existiam em Tiro, Sidão e Berito.

503

Depois de percorrer a região e saquear tudo o que encontrou e incendiar as aldeias dos arredores, regressou a Ptolemaida. (JOSEFO, F. 2012b, p. 94-95) (grifo nosso)

Como podemos observar, alguns dos judeus deviam conhecer a tradição oral do sermão escatológico de Jesus, ao qual foi dado o cumprimento quando os habitantes de Cabul, na Galileia, fugiram para as montanhas sem nada levarem, cumprindo assim mais uma profecia do Cristo, quando disse: **“Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes”.** (Mt 24,16-18)

Céstio galo chega a Jerusalém, mas recua

sem sucesso na empreitada de invadir a cidade. Os judeus tiveram poucas perdas enquanto os romanos perderam mais de cinco mil homens. Estes eventos se passaram no duodécimo ano do reinado de Nero, por volta de 66 d.C.

Após o fracasso de Céstio, notáveis judeus se reorganizaram para a defesa de Jerusalém que já se preparava para a Guerra que iniciou neste ano.

Não somente os judeus estando sendo perseguidos pelos romanos e fugindo de suas cidades, mas também os Cristãos iniciam o abandono das suas casas, como bem observamos na obra **Ano 70 - Segunda Vinda - Mateus 24** do autor preterista César Francisco Raymundo, citando o relato do pai da igreja Eusébio de Cesaréia (265 d.C. - 339 d.C.). Vejamos:

“...todo o corpo da igreja em Jerusalém, dirigido por uma revelação divina dada a homens de piedade aprovada antes da guerra, saíra da cidade e fora habitar em certa cidade além do Jordão chamada Pela. Eis que, tendo se mudado de Jerusalém os que criam em Cristo, como se os santos tivessem abandonado por completo a própria cidade real e toda a terra de Judeia, a justiça divina por fim os

atingiu por seus crimes contra o Cristo e seus apóstolos, destruindo totalmente toda a geração de malfeitores sobre a terra".¹² (RAYMUNDO, C. F. 2017. p. 30)

21. Queda de Jotapata, a prisão de Josefo e sua profecia

Josefo cede aos romanos após a queda de Jotapata e profetiza que coloca o autor e historiador Flávio Josefo à frente dos judeus como general a resistir aos romanos na cidade de Jotapata aos ataques do general romano Vespasiano e seu filho Tito.

Os poucos judeus que estavam com Josefo, escondidos numa caverna, o quiseram matá-lo pelo fato de querer se entregar aos romanos, já que para eles era mais glorioso morrer no campo de batalha, ou por sua vez se suicidarem, do que se entregarem ao inimigo. Josefo propôs algo inusitado para sua tropa, a morte de cada um por seu companheiro, através de um sorteio, onde ao final restou ele e outro companheiro, onde propôs um acordo de não se matarem e se entregarem aos

romanos.

Josefo é levado até Vespasiano, ao solicitar uma conversa particular, fez a profecia que após o reinado de Nero, ele, Vespasiano, seria o próximo imperador romano, seguido de seu filho Tito, onde os judeus que logo souberam que Josefo estava sendo tratado de forma diferenciada pelos romanos, do que normalmente um prisioneiro de guerra, passaram a odiá-lo e considerá-lo um traidor.

22. Os romanos chegam a Jerusalém e sitiaram a capital da Judeia

Os romanos aumentaram a sua investida e no ano de 66 d.C. foi deflagrada a primeira guerra judaico-romana com a chegada de Vespasiano a Jerusalém, provendo o seu cerco.

A morte de Nero e a guerra civil romana e judia são fatos relevantes destacam em 68 d.C., tal como a guerra civil ocorrida em Jerusalém entre os Zelotes, aliados aos Idumeus contra os demais judeus colocam a capital da Judeia num caos e que

os romanos aguardam que este evento diminua a resistência dos judeus.

Todos estes acontecimentos estavam previstos por Jesus que alertou aos apóstolos, cristãos e Judeus ante o cerco de Jerusalém, registrada no Evangelho de Lucas (Lc 21,20), como prelúdio do fim.



Outro fato interessante é o fato da morte de Nero em 68 d.C. e a defesa de Josefo quanto aos historiadores de sua época que se excederam nas narrativas sobre este evento e a personalidade deste imperador.

Outro ponto relevante é a guerra civil instaurada em Roma após a morte de Nero, onde colocou três imperadores que não chegaram a governar, pois foram todos eles assassinados, salvo Otho que se suicidou, tal como Galba, Otho e Vitélio, vindo após a morte destes, foi tomado o trono de Roma por Vespasiano.

Acredito que uma profecia específica do livro Apocalipse se refere a este evento, mas para uma próxima oportunidade desenvolver o tema se torna necessário. Tito se encaminha para Jerusalém, a fim de derrotar os judeus no oriente.

O mal presságio em Jerusalém se abateu entre os judeus sitiados na cidade, obtiveram sinais escatológicos, tal qual relata Flávio Josefo em sua obra ***Guerra dos Judeus - Volume IV***. Vejamos:

Os Idumeus acampam diante dos muros de Jerusalém

286

À noite iniciou-se uma grande tormenta, com fortes ventos, chuvas torrenciais, contínuos relâmpagos, violentos trovões, e com alguns **terríveis tremores de terra.**

287

Esta confusão dos elementos do universo era uma prova evidente da destruição dos homens, e podia ser entendida como sinal premonitório de uma grande catástrofe. (JOSEFO, F. 2012d, p. 53) (grifo nosso)

Em outro ponto, Flávio Josefo relata sobre eventos como a fome e pestes que assolavam Jerusalém, tal qual podemos observar em sua obra *Guerra dos Judeus – Volume IV*. Vejamos:

361

Durante a execução de Nizer os ameaçou em parte com a guerra, com a vingança dos romanos, **com a fome, com a peste**, e além de tudo isto com lutas civis entre eles.

362

Tudo isto já estava decidido por Deus contra os ímpios, inclusive o que era, todavia mais justo, o fato de que não muito tempo depois, iam provar-se as loucuras de uns contra os outros em suas mútuas rivalidades. (JOSEFO, F. 2012d, p. 64) (grifo nosso)

Como podemos observar este evento histórico, faremos novamente uma correlação ao

sermão profético de Jesus, quando disse: “Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá **fomes, e pestes, e terremotos**, em vários lugares”. (Mt 24,7)

23. Alianças judaicas, deserções e exortações de Josefo

Este período é marcado por mais um oráculo cumprido segundo Flávio Josefo, ante a resposta dos Zelotes, que assim diz em sua obra ***Guerra dos Judeus - Volume IV***. Vejamos:

388

Existia uma antiga profecia entre os judeus, feita por homens inspirados por Deus que dizia que a cidade seria tomada e que o Templo seria queimado pela lei da guerra, quando houvesse discórdia interna e mãos da própria pátria profanassem. Os Zelotes, apesar de acreditarem nesta profecia, converteram-se eles mesmos nos artífices deste oráculo (N.T.: Estas profecias aparecem em Zacarias 14,12 e em Daniel 9,24) (JOSEFO, F. 2012d, p. 68-69)

Jesus já havia predito que aquela geração que passou pela primeira guerra judaico-romana,

através da lei natural da reencarnação (Jo 3,12) recairia sobre ela o sangue dos profetas, quando o Mestre disse:

“Por isso, eis que Eu vos envio profetas, sábios e mestres. A uns assassinareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade. E, dessa maneira, sobre vós recairá todo o sangue justo derramado na terra, desde o sangue do justo Abel, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar. **Com toda a certeza vos asseguro, que tudo isso ocorrerá a esta geração**”. O lamento sobre Jerusalém (Mt 23,34-36).

Neste período, assume o trono Vespasiano, no lugar de Vitélio, onde o general Tito assume seu lugar na guerra dos romanos contra os Judeus em Jerusalém no ano de 69 d.C.

24. A destruição do Templo de Jerusalém pelo General Tito

O general Tito cerca Jerusalém! Este evento é o que se torna mais relevante neste ano de 68 d.C.,

onde Tito chega com as tropas romanas até as muralhas de Jerusalém.

Os rebeldes que estavam no interior das muralhas, tanto na cidade alta como na cidade baixa resistiam sem se entregar, até que houve deserções, o discurso emocionado de Josefo, o evento de seu abatimento por uma pedra na cabeça e quase a sua morte.

Tito tomou a ação de matar e crucificar todos os judeus que atravessavam para o lado romano e outros eram mutiladas as suas mãos para sensibilizarem os líderes dos judeus no interior da cidade e vendo que esta ação mais os motivaram, Tito, num conselho de guerra, resolve cercar a cidade de Jerusalém, impedindo que houvesse a saída de mais judeus e a entrada de víveres e alimentos, o que ocasionou uma grande calamidade levando a morte de muitos judeus pela fome, como já vinha ocorrendo em proporções menores. Relata Flávio Josefo, em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume V** sobre o que acarretou às mães e seus bebês. Vejamos:

429

As mulheres tiravam a comida da boca de seus maridos, os filhos de seus pais e, o que é mais triste, as mães de seus bebês, e quando seus seres mais queridos estavam morrendo em seus braços não se envergonhavam em chupar-lhes as gotas de vida que ainda lhes restavam. (JOSEFO, F. 2012e, p. 78)

Este fato histórico abre novamente mais um paralelo ao que Jesus havia preconizado em seu sermão escatológico, quando disse: **“Mas aí das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!”** (Mt 24,19)

Em outro momento, relata Flávio Josefo, em sua obra ***Guerra dos Judeus - Volume V***. Vejamos:

441

Ainda é impossível contar com detalhes seus crimes, no entanto, se pode dizer, em resumo, que nenhuma outra cidade tem padecido atrocidades deste tipo e nunca existiu na história uma geração que tenha dado lugar a tantas iniquidades. (JOSEFO, F. 2012e, p. 79-80)

Mais adiante será tratado os estragos da fome e atrocidade dos rebeldes, assim como relata Flávio Josefo, em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume V**. Vejamos:

511

Os judeus perderam toda a esperança de salvação, desde o momento em que lhes cortaram as saídas da cidade. A fome se intensificava e devorava o povo por casas e famílias.

512

Os telhados estavam cheios de mulheres e de crianças desprotegidas, e as ruas, de anciãos mortos. As crianças e os jovens, vagavam deformados, como fantasmas, pelas praças, e caíram ali onde a dor se apoderava deles.

513

Os enfermos não tinham forças para enterrar seus próximos e os que ainda conservavam seu vigor não queriam fazê-lo devido a grande quantidade de cadáveres que havia e porque não sabiam o que lhes poderia acontecer. Eram numerosos os que caíam mortos sobre os corpos a quem estavam dando sepultura e muitos os que se colocavam em suas tumbas, antes que chegasse a hora de morrer. (JOSEFO, F. 2012e, p. 91)

Mais uma vez somos levados a correlacionar este evento histórico a mais uma predição de Jesus, quando disse: **“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver”**. (Mt 24,21).

Dessa forma, cessa o sacrifício perpétuo no Templo, há o discurso de Josefo aos Judeus cercados, a pedido do general Tito, conforme relata Flávio Josefo em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume VI**. Vejamos:

94

Ele mesmo mandou chamar a Josefo, pois se havia inteirado de que naquele dia, dezessete do mês de Panemo, por falta de homens, não puderam fazer oferendas a Deus no chamado sacrifício perpétuo (N.T.: Êxodo 29,38-42 e Números 28,3-8) e que por isso o povo estava muito angustiado. (JOSEFO, F. 2012f, p. 27)

A intenção do general Tito era preservar o Templo da destruição, evitando-o devastá-lo para não ofender a Deus. Dentro da perspectiva escatológica da predição de Jesus, ante aos

padecimentos das grávidas (Mt 24,19) e do sofrimento àquela geração (Mt 24,21), houve um fato registrado por Josefo acerca da fome que se apoderou dos sitiados em Jerusalém, contanto um caso de antropofagia. Vejamos a narrativa de Flávio Josefo em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume VI**.

199

Que necessidade tinham de falar da falta de vergonha pela fome que leva a comer produtos não comestíveis? Pois vou expor um fato como nunca se viu entre os gregos nem entre os bárbaros, algo que é terrível de contar e incrível de ouvir.

200

Eu, pela minha parte para não parecer ante a possibilidade que invento história, com gosto omitiria contar esta desgraça, se não tivesse inumeráveis testemunhas entre pessoas em minha própria época. Portanto, faria um favor a minha pátria, se renunciasse contar os relatos das desgraças que o povo padeceu.

201

Uma mulher das que habitavam no outro lado do Jordão, chamada Maria filha de Eleazar, da aldeia de Betezuba, ilustre por nascimento e por suas riquezas, se refugiou em Jerusalém com o

resto da população e ali sofreu o saque.

202

Os tiranos tiraram desta mulher seus bens, que havia trazido desde a Pereia, e os capangas daqueles, em suas incursões diárias, lhe arrancaram o resto dos objetos preciosos que lhe sobrou e algum alimento que tinha.

203

Uma tremenda indignação se apoderou da pobre mulher, e com insultos e maldições provocava muitas vezes contra si mesma os ladrões.

204

Mas como nenhum deles nem por raiva nem piedade a matava, e ele estava cansada de buscar algo de comer para os demais e era impossível encontrar já em nenhuma área, e como a fome ia se apossando de suas vísceras e de sua medula, e seu furor ardia mais que a fome, então tomou por conselheira a ira, diante da necessidade, e cometeu um ato contrário a natureza.

205

Apanhou seu filho, que ainda era uma criança de peito e disse: “criatura desgraçada, por que mantenho viva no meio desta guerra, da fome e da revolta?”

206

Se vivermos para isto, então, os romanos nos

escravizarão, mas a fome chega antes que a escravidão, e os rebeldes são pior que um ou outro.

207

Vamos, seja você meu alimento, um espírito vingador para os perturbadores e uma lenda para a humanidade, a única que faltava entre as desgraças judias”.

208

Enquanto dizia isto matou seu filho, logo o assou, comeu a metade e o resto escondeu.

209

Em seguida os rebeldes apareceram diante dela e, ao perceber o abominável odor de carne, a ameaçaram em degolá-la, imediatamente se não lhes desse a comida que havia preparado. Então ela lhes disse que lhes havia guardado uma parte e descobriu o que restava de seu filho.

210

Espantaram-se ao vê-lo e caíram atônitos. A mulher acrescentou: “Este é meu filho, e esta é minha obra, comi-no pois eu também o comi.

211

Não sejais mais calmos que uma mulher nem mais dementes que uma mãe. Se tendes escrúpulos religiosos e não quereis minha vítima, deixai, que eu já comi uma parte,

acabe também com o resto”.

212

Os rebeldes saíram dali andando e tremendo (esta foi a única vez em que foram covardes) e deixaram, não sem pesar, este alimento para a mãe. Rapidamente pela cidade inteira se propagou a notícia do crime. Todos estremeceram ao pôr diante dos olhos esta atrocidade, como se eles mesmos tivessem se atrevido a comê-la.

213

Os famintos se apresavam em morrer e consideravam-se felizes aqueles que tinham que morrer antes de ouvir a ver desgraças tão grandes. (JOSEFO, F; 2012f, p. 46-48) (grifo nosso)

Após este fato, o general Tito e as tropas romanas ficaram atônitos com tamanha barbaridade que a fome estava causando à população sitiada em Jerusalém.

Com o agravamento da guerra, os romanos, ao queimarem os portões de acesso à cidade e as torres das muralhas, adentram ao Templo de Jerusalém e os soldados romanos incendiam o Templo de Jerusalém, ao qual Tito tenta ainda

apagá-lo, como registra Flávio Josefo, em sua obra ***Guerra dos Judeus - Volume VI***. Vejamos:

250

Fazia tempo que Deus o havia condenado ao fogo, e havia chegado, na sucessão dos séculos, o dia fixado pelo Destino, dia dez do mês de Loos (N.T.: dia 29 de agosto), data também em que outro templo havia sido queimado pela obra do rei babilônico (N.T.: Jeremias 52,12). (JOSEFO, F. 2012f, p. 54-55)

Ao que tudo indica, os profetas já haviam também previsto a destruição de Jerusalém, como fundamentamos no início, e não somente Jesus o havia feito. Na cidade invadida pelos romanos não houve piedade e crianças, mulheres e velhos foram degolados pelas legiões romanas.

Os sinais cósmicos preditos por Jesus, também foram registrados pela história, no período da guerra com os romanos no momento em que o Templo era queimado, ante **presságios e oráculos sobre a catástrofe de Jerusalém**, ao qual podemos acompanhar na narrativa de Flávio Josefo em sua obra ***Guerra dos Judeus - Volume***

VI. Vejamos:

288

Nisso então enganaram o povo embusteiros e que falsamente diziam falar em nome de Deus. Não prestaram atenção nem acreditaram nos sinais evidentes que anunciavam a futura destruição, sem que entendessem as advertências de Deus, como se houvesse caído um raio sobre eles e precisassem de olhos e de espírito.

289

Foi então quando, sobre a cidade, apareceu um astro, muito parecido com uma espada, e um cometa que permaneceu ali durante um ano.

290

Isto também tinha sido lugar antes da revolta e antes que se iniciassem as atividades bélicas, quando, reunido o povo para a festa dos Ázimos, no dia oito do mês de Jântico, **na hora nona da noite brilhou durante meia hora uma luz no altar e no Templo com tanta intensidade que parecia um dia claro.**

291

Para os que não entendiam isto era um bom sinal, no entanto os escribas sagrados o interpretaram de acordo com os acontecimentos imediatamente posteriores. (JOSEFO, F. 2012f, p. 61-60) (grifo nosso)

Ao continua os relatos, segundo Josefo, uma vaca pariu um cordeiro no altar do sacrifício. A porta de bronze do Templo abriu misteriosamente. Outro fato interessante foi relatado por Josefo, em sua obra **Guerra dos Judeus - Volume VI**. Vejamos:

298

Antes do pôr do sol, viram pelos ares de todo o país carros e esquadrões de soldados armados que corriam pelas nuvens e rodeavam as cidades.

299

Além do que, na festa chamada de Pentecostes, os sacerdotes entraram à noite no Templo interior, como tinham costume para celebrar o culto, e **disseram ter sentido uma sacudida e um ruído, e logo a voz de uma multidão dizia: “Vamos embora daqui”**. (JOSEFO, F. 2012f, p. 63) (grifo nosso)

Após todos estes relatos, confrontamos com as predições de Jesus, quando disse: **“E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos**

céus serão abaladas”. (Mt 24,29)

Os Idumeus se rendem aos romanos e os que não são assassinados, são vendidos como escravos para poucos compradores.

A Completa destruição de Jerusalém, Josefo relata sobre o desfecho de uma guerra muito violenta que levou a cabo a destruição completa do Templo de Jerusalém, da cidade baixa e da cidade alta em 26/09/0070



pelas legiões romanas lideradas pelo general Tito que mataram cerca de um milhão e cem mil pessoas pela espada, fome e peste de um total de dois milhões e setecentas mil pessoas que representa cerca de 40%, ou ainda mais de um terço da população que lá esteve em Jerusalém por três anos e meio durante os 42 meses de duração desta que foi a primeira guerra judaico-romana!

Cerca de noventa e sete mil pessoas foram aprisionadas deste montante de mortes, tendo em



vista que Jerusalém havia sido sitiada no momento em que ocorria a festa dos Ázimos, vindo pessoas de todas as nações, sendo judeus, ou não.

Chega ao fim a primeira guerra judaico-romana, com as últimas resistências judaicas frente aos romanos, dos quais se destacam o suicídio coletivo em Massada que os judeus motivados por Eleazar tiraram a própria vida, ante a invasão dos romanos, onde pereceram quase mil judeus à própria espada na primavera de 73 d.C. A última resistência se deu em Cirene em setembro de 74 d.C. que derrotou a todos os judeus no reinado do imperador romano Vespasiano, como vemos na imagem o arco de Tito que registra a vitória romana sobre os judeus.

25. A vinda do filho do homem e o julgamento

Os prezados leitores devem estar se

perguntando como poderíamos ter correlacionado todos os eventos escatológicos, previstos no sermão profético de Jesus, uma vez que ele mesmo não retornou àquela época, já que havia dado a estes eventos como precursores de sua vinda sobre as nuvens.

Devemos lembrar que a simbologia de vir sobre as nuvens é vir em juízo sobre a nação de Israel, o que houve, inclusive, a confirmação do cumprimento dos oráculos do Tanah naquela ocasião da queda de Jerusalém,

Para corroborar a nossa tese, incluiremos o relato de Estevão ante seu martírio e a visão do Filho do Homem assentado à direita do Pai. Vejamos:

E, ouvindo eles isto, enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele. Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; E disse: **Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus.** Mas eles gritaram com grande voz, taparam os seus ouvidos, e arremeteram unânimes contra ele. E,

expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. (At 7,54-59)

Dessa forma, entendemos que vir sobre as nuvens previstos pelo Cristo em seu sermão escatológico, é justamente vir em juízo sobre aquela geração, tal qual Estevão o teria visto, de antemão.

Jesus, no sinédrio, perante Caifás, o exorta dizendo que viria ele vindo sobre as nuvens. (Mt 26,64). Esta expressão é vir em juízo daquela geração e não que literalmente Jesus viria sobre as nuvens, como podemos observar na ***Bíblia de Jerusalém***.

Mateus 26,57-68:

Jesus perante o Sinédrio — ⁵⁷Os que prenderam Jesus levaram-no ao Sumo Sacerdote Caifás, onde os escribas e os anciãos estavam reunidos. ⁵⁸Pedro seguiu-o de longe até o pátio do Sumo Sacerdote e, penetrando no interior, sentou-se com os servidores para ver o fim. ⁵⁹Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o

Sinédrio procuravam um falso testemunho contra Jesus, a fim de matá-lo, ⁶⁰mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, se apresentaram duas ⁶¹que afirmaram: "Este homem declarou: Posso destruir o Templo de Deus e edificá-lo depois de três dias". ⁶²Levantando-se então o Sumo Sacerdote, disse-lhe: "Nada respondes? O que testemunham estes contra ti?" ⁶³Jesus, porém, ficou calado. E o Sumo Sacerdote lhe disse: "Eu te conjuro pelo Deus Vivo que nos declares se tu és o Cristo, o Filho de Deus". ⁶⁴**Jesus respondeu: "Tu o disseste. Aliás, eu vos digo que, de ora em diante, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. "** ⁶⁵O Sumo Sacerdote então rasgou suas vestes, dizendo: "Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vede: vós ouvistes neste instante a blasfêmia. ⁶⁶Que pensais?" Eles responderam: "É réu de morte". ⁶⁷E cuspiram-lhe no rosto e o esbofetearam. Outros lhe davam bordoadas, ⁶⁸dizendo: "Faze-nos uma profecia, Cristo: quem é que te bateu?" (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1753) (grifo nosso)

Jesus ainda adverte aos apóstolos que eles antes de percorrerem toda a terra de Israel, antes de sua vinda (Mt 10,23), ou seja, sua vinda em juízo àquela geração, como podemos observar na **Bíblia de Jerusalém**.

Mateus 10,17-25:

Os missionários serão perseguidos —

¹⁷Guardai-vos dos homens: eles vos entregarão aos sinédrios e vos flagelarão em suas sinagogas. ¹⁸E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações. ¹⁹Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, ²⁰porque não sereis vós que estareis falando, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós. ²¹O irmão entregará o irmão à morte e o pai entregará o filho. Os filhos se levantarão contra os pais e os farão morrer. ²²E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. ²³**Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. E se vos perseguirem nesta, tornai a fugir para uma terceira. Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem.** ²⁴Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor. ²⁵Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor. Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares! (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1721) (grifo nosso)

O evento cósmico ao qual se refere que o sol

não daria sua luz, refere-se ao Deus de justiça que não daria sua glória. Quando se refere ao fato que a lua não daria seu brilho, é justamente a Jerusalém. As referências que as estrelas dos céus cairiam, é a queda dos justos ante a primeira guerra judaico-romana.

A parábola da figueira (Mt 24,32-36) refere-se a Israel e todas as coisas referentes a grande tribulação já esmiuçada, como prelúdio de um sinal da vinda em juízo por Jesus sobre aquela geração.

A vinda de Jesus se daria ainda no primeiro século da era Cristã, uma vez que seus discípulos seriam testemunhas, àqueles que não provariam a morte (Mt 16,27-28).

Mt 16,27-28: Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras. **Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.**

Esta vinda, em juízo, seria comparada a parábola do senhor da vinha (Mt 21,40-45).

Encontramos ainda a referência em (Mt 24,37-41) que não fala sobre arrebatamento, mas da vinda de Jesus em juízo sobre aquela geração e quem é levado é quem foi condenado, no mesmo paralelo de (Lc 17,20-37), tal qual caíram pela espada, em um neologismo de quem ficou, foi poupado, ou seja, não pereceu pela espada, enquanto quem foi levado, morreu pela espada.

Na parábola do dilúvio de Noé, ocorre de forma diferente, ou seja, quem ficou, pereceu no dilúvio e quem esteve na arca, foi salvo. Jesus apenas traça um paralelo entre os dois eventos. Parece-nos que Paulo se utiliza desta tradição para estabelecer seu conceito de arrebatamento dele e da igreja primitiva, ao qual iremos desenvolver mais adiante.

Existiu ainda a crença da apostasia ao qual fala o apóstolo Paulo, que precederia a vinda de Jesus, em juízo. Uma prova disso, de que os apóstolos do primeiro século da Era Cristã já estavam passando por esta prerrogativa, é a referência dos escarnecedores que Pedro alerta

(2Pe 3,3-4), como podemos observar na ***Bíblia de Jerusalém***.

2ª Pedro 3,3-10:

Os falsos doutores — ³Antes de mais nada, deveis saber que nos últimos dias virão escarnecedores com os seus escárnios e levando uma vida desenfreada, de acordo com as suas próprias concupiscências. ⁴O seu tema será: "Em que ficou a promessa da sua vinda? De fato, desde que os pais morreram, tudo continua como desde o princípio da criação!" ⁵Mas eles fingem não perceber que existiram outrora céus e terra, esta tirada da água, e estabelecida no meio da água pela Palavra de Deus, ⁶e que por essas mesmas causas o mundo de então pereceu, submergido pela água. ⁷Ora, os céus e a terra de agora estão reservados pela mesma Palavra ao fogo, aguardando o dia do Julgamento e da destruição dos homens ímpios. ***Há, contudo, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: é que para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos como um dia.*** ⁹O Senhor não tarda a cumprir a sua promessa, como pensam alguns, entendendo que há demora; o que ele está é usando de paciência convosco, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se. ¹⁰O Dia do Senhor chegará como ladrão e então os céus se desfarão com estrondo, os elementos, devorados pelas

chamas, se dissolverão e a terra, juntamente com as suas obras, será consumida. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2122-2123) (grifo nosso)

Destacamos dois momentos na exortação de Pedro, ao qual a primeira é que os apóstolos já lidavam com os escarnecedores de sua época, culminando na apostasia, levando a célere predição de Pedro, num segundo momento a dizer que um dia para o Senhor é como mil anos e mil anos como um dia.

Esta interpretação não era corrente entre os judeus no período intertestamentário, ao qual levou os Cristãos tardios a interpretarem os 1.260 dias de Daniel, dentro das 42 semanas com períodos de 30 anos, que já desenvolvemos, em 1.260 anos, onde muitos incorreram no erro de atribuir este período entre os anos de 610 a 1870, assim como está registrada na obra **A Caminho da Luz**, exarado este conceito pelo espírito Emmanuel.

IDENTIFICAÇÃO DA BESTA APOCALÍPTICA

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666

(Apoc. XIII, 5 e 18). **Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.**

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de "VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS", "VICARIVS FILII DEI" e "DVX CLERI" que significam "Vigário-Geral de Deus na Terra", "Vigário do Filho de Deus" e "Príncipe do Clero". Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.

Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da

Humanidade terrestre. (XAVIER, F. C. 2010, p. 153-154) (grifo nosso)

Como demonstramos anteriormente, os judeus não enxergavam esta profecia de Daniel com esta amplitude, quando apresentamos o registro de Flávio Josefo. Respeitamos o trabalho do espírito Emmanuel e pelo seu profundo conteúdo moral, mas neste aspecto escatológico ele incorre em erro.

Encontramos ainda em (Hb 11,7) um paralelo ao evento da vinda repentina de Jesus, em juízo, traçado num paralelo a (Mt 24,36-39), onde Pedro chama Noé de **pregador da justiça** em algumas traduções, **ou arauto da justiça** em outras (2Pe 2,5).

É importante frisar ainda que para o apóstolo João que presenciou todos estes eventos, ao escrever sua primeira epístola por volta do ano 60 d.C. já dizia que estavam vivendo a última hora (1Jo 2,18), como podemos constatar o que o próprio apóstolo diz.

1ª Jo 2,18: Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também **agora muitos se têm feito anticristos, por onde conhecemos que é já a última hora.**

O início da guerra judaico-romana foi em 67 d.C., ou seja, sete anos após o apóstolo João escrever sua primeira epístola, o que denota que realmente os apóstolos que estavam sobrevivendo a perseguição entendiam que estavam nos últimos dias, onde se estendeu a guerra até abril de 70 d.C. quando Jerusalém é sitiada e destruída em setembro deste mesmo ano, ou para os judeus, nove de ave.

As referências dos últimos dias é muito extensa e permeia quase todo o novo testamento e era um conceito comum entre os discípulos e apóstolos (At 2,14-18; Hb 1,1-2; 9,26; 10,25; 1Co 10,11; 2Tm 3,1-9; 1Pe 1,20; 1Jo 2,18-19), assim como deixaremos registrado de acordo com a ***Bíblia de Jerusalém.***

Atos dos Apóstolos 2,14-21:

Discurso de Pedro à multidão — ¹⁴Pedro,

então, de pé, junto com os Onze, levantou a voz e assim lhes falou: "Homens da Judéia e todos vós, habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e prestai ouvidos às minhas palavras. ¹⁵Estes homens não estão embriagados, como pensais, pois, esta é apenas a terceira hora do dia. ¹⁶O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do profeta:¹⁷**Sucedará nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão.** ¹⁸Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. ¹⁹E farei aparecerem prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra. ²⁰O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia. ²¹E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1903) (grifo nosso)

Hebreus 1,1-4:

A grandeza do Filho de Deus encarnado —
¹Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; ²**agora, nestes dias que são os últimos**, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos. ³É ele o resplendor de sua glória e a expressão do seu ser; sustenta o universo com o poder de sua palavra; e depois de ter realizado a purificação

dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da Majestade, ⁴tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2085) (grifo nosso)

Hebreus 9,15-28:

Cristo sela a nova Aliança pelo seu sangue —

¹⁵Eis por que ele é mediador de uma nova aliança. A sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; e, por isso, aqueles que são chamados recebem a herança eterna que foi prometida. ¹⁶Com efeito, onde existe testamento, é necessário que se constate a morte do testador. ¹⁷O testamento, de fato, só tem valor no caso de morte. Nada vale enquanto o testador estiver vivo. ¹⁸Ora, nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem efusão de sangue. ¹⁹De fato, depois que Moisés proclamou a todo o povo cada mandamento da Lei, ele tomou o sangue de novilhos e de bodes, juntamente com a água, a lã escarlata e o hissopo, e aspergiu o próprio livro e todo o povo, ²⁰anunciando: *Este é o sangue da aliança que Deus vos ordenou.* ²¹Em seguida ele aspergiu com o sangue a Tenda e todos os utensílios do culto. ²²Segundo a Lei, quase todas as coisas se purificam com sangue; e sem efusão de sangue não há remissão. ²³Portanto, se as cópias das realidades celestes são purificadas com tais ritos, é preciso que as próprias realidades celestes sejam purificadas com sacrifícios bem melhores que estes! ²⁴Cristo

não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro, e sim no próprio céu, a fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor. ²⁵E não foi para oferecer-se a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote que entra no Santuário cada ano com sangue de outrem. ²⁶**Pois, se assim fosse, deveria ter sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas foi uma vez por todas, agora, no fim dos tempos, que ele se manifestou para abolir o pecado através do seu próprio sacrifício.** ²⁷E como é um fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem um julgamento, ²⁸do mesmo modo, Cristo foi oferecido uma vez por todas *para tirar os pecados da multidão*. Ele aparecerá uma segunda vez, com exclusão do pecado, àqueles que o esperam para a salvação. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2094-2095) (grifo nosso)

Hebreus 10,19-25:

IV. A fé perseverante

Transição — ¹⁹Sendo assim, irmãos, temos a plena garantia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus. ²⁰Nele temos um caminho novo e vivo, que ele mesmo inaugurou através do véu, quer dizer: através da sua humanidade. ²¹Temos um *sacerdote eminente* constituído sobre a *casa de Deus*. ²²Aproximemo-nos, então, de coração reto e cheios de fé, tendo o coração purificado de toda má consciência e o corpo lavado com água

pura. ²³Sem esmorecer, continuemos a afirmar a nossa esperança, porque é fiel quem fez a promessa. ²⁴Veamos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras. ²⁵**Não deixemos as nossas assembleias, como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar.** (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2096) (grifo nosso)

1ª Coríntios 10,1-13:

O ponto de vista da prudência e as lições do passado de Israel — ¹Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar ²e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés. ³Todos comeram o mesmo alimento espiritual, ⁴e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo. ⁵Apesar disso, a maioria deles não agradou a Deus, pois *caíram mortos no deserto*. ⁶Ora, esses fatos aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram. ⁷Não vos torneis ídólatras como alguns dentre eles, segundo está escrito: *O povo sentou-se para comer e beber; depois levantaram-se para se divertir*. ⁸Nem nos entreguemos à fornicção, como alguns deles se entregaram, de modo a perecerem num só dia vinte e três mil. ⁹Não tentemos o Senhor, como alguns deles o tentaram, de modo a morrer pelas

serpentes. ¹⁰Não murmureis, como alguns deles murmuraram, de modo que pereceram pelo Exterminador. **¹¹Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos.** ¹²Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair. ¹³As tentações que vos acometeram tiveram medida humana. Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2004-2005) (grifo nosso)

2ª Timóteo 3,1-17:

Advertência contra os perigos dos últimos tempos — ¹Sabe, porém, o seguinte: nos últimos dias sobrevirão momentos difíceis. ²Os homens serão egoístas, gananciosos, jactanciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos, ³sem afeto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, ⁴traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres do que de Deus; ⁵guardarão as aparências da piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Afasta-te também destes. ⁶Entre estes se encontram os que se introduzem nas casas e conseguem cativar mulherzinhas carregadas de pecados, possuídas de toda sorte de desejos, ⁷sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade. ⁸Do mesmo modo

como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também estes se opõem à verdade; são homens de espírito corrupto, de fé inconsistente. ⁹Mas eles não irão muito adiante, pois a sua loucura será manifesta a todos, como o foi a daqueles. ¹⁰Tu, porém, me tens seguido de perto no ensino, na conduta, nos projetos, na fé, na longanimidade, na caridade, na perseverança, ¹¹nas perseguições, nos sofrimentos que conheci em Antioquia, em Icônio, em Listra. Que perseguições eu sofri! E de todas me livrou o Senhor! ¹²Aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos. ¹³Quanto aos homens maus e impostores, eles progredirão no mal, enganando e sendo enganados. ¹⁴Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendeste. ¹⁵Desde a tua infância conheces as sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. ¹⁶Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, ¹⁷a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2077) (grifo nosso)

1ª Pedro 1,13-21:

Requisitos da vida nova. Santidade do neófito — ¹³Por isso, com prontidão de espírito, sede sóbrios e ponde toda a vossa esperança na graça que vos será trazida por ocasião da

Revelação de Jesus Cristo. ¹⁴Como filhos obedientes, não consentais em modelar a vossa vida de acordo com as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância. ¹⁵Antes, como é santo aquele que vos chamou, tomai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento, ¹⁶porque está escrito: *Sede santos, porque eu sou santo*. ¹⁷E se chamais Pai aquele que com imparcialidade julga a cada um de acordo com as suas obras, portai-vos com temor durante o tempo do vosso exílio. ¹⁸Pois sabeis que não foi com coisas perecíveis, isto é, com *prata* ou com *ouro*, que fostes *resgatados* da vida fútil que herdastes dos vossos pais, ¹⁹mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mácula, ²⁰**conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado, no fim dos tempos, por causa de vós**. ²¹Por ele, vós crestes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu a glória, de modo que a vossa fé e a vossa esperança estivessem postas em Deus. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2113-2114) (grifo nosso)

1ª João 2,18-28:

Quarta condição: preservar-se dos anticristos — ¹⁸Filhinhos, é chegada a última hora. Ouvistes dizer que o Anticristo deve vir; e já vieram muitos anticristos: daí reconhecemos que é chegada a última hora. ¹⁹Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam

permanecido conosco. Mas era preciso que se manifestasse que nem todos eram dos nossos. ²⁰Vós, porém, tendes recebido a unção que vem do Santo, e todos possuís a ciência. ²¹Eu não vos escrevi porque ignorais a verdade, mas porque a conheceis e porque toda mentira não procede da verdade. ²²Quem é o mentiroso senão o que nega que Jesus é o Cristo? Eis o Anticristo, o que nega o Pai e o Filho. ²³Todo aquele que nega o Filho também não possui o Pai. O que confessa o Filho também possui o Pai. ²⁴Mas vós, procurai que permaneça em vós o que ouvistes desde o início. Se em vós permanece o que ouvistes desde o início, vós também permaneceréis no Filho e no Pai. ²⁵Esta é a promessa que ele mesmo vos fez: a vida eterna. ²⁶Isto vos escrevi sobre aqueles que procuram vos desencaminhar. ²⁷Quanto a vós, a unção que recebestes dele permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas como sua unção vos ensina tudo, e ela é verdadeira e não mentirosa, assim como ela vos ensinou, permanecei nele. ²⁸Agora, pois, filhinhos, permanecei nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos plena confiança e não sejamos confundidos, por estarmos longe dele, na sua Vinda. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2126-2128) (grifo nosso)

Como podemos observar, não somente Jesus predisse os últimos tempos daquela geração que ele estava inserido, mas também os apóstolos

disseminaram esta tese apocalíptica em diversas ocasiões e fizemos questão de citar todo o contexto, para não sermos acusados de que pinçamos textos fora do contexto!

Um outro conceito que era perene é sobre a revelação do **homem da perdição** que se deu o cumprimento na figura de Nero (37 d.C. – 68 d.C.) que foi identificado pela igreja primitiva como sendo a besta do Apocalipse que não entraremos em detalhe por ser tema de nossa próxima obra. Com isso, Paulo, em referência a este personagem escreve em sua epístola (2Ts 2,3-6) de forma indireta que certamente os cristãos primitivos entenderam que se tratava de Nero. Esta referência precedia a *parousia* de Cristo e era concomitante a sua vinda, tal qual encontramos na referência da Bíblia de Jerusalém.

2ª Tessalonicenses 2,1-12:

A Vinda do Senhor e o que a precederá —

¹Quanto à Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele, rogamos-vos, irmãos, ²que não percais tão depressa a serenidade de espírito, e não vos perturbeis nem por palavra

profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se o Dia do Senhor já estivesse próximo. **³Não vos deixeis enganar de modo algum por pessoa alguma; porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, ⁴o adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus. ⁵Não vos lembrais de que vos dizia isto quando estava convosco? ⁶Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. ⁷Pois o mistério da impiedade já está agindo, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! ⁸Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor" destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua Vinda. ⁹Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres e prodígios mentirosos, ¹⁰e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor de verdade, a fim de serem salvos. ¹¹É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira ¹²e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça.** (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2066-2067) (grifo nosso)

Para encerrar este tópico, buscamos o conceito de Jesus ter dito que viria sobre as nuvens,

como se houvesse uma literalidade no cumprimento desta profecia. Contudo, entendemos que o Mestre estava se referindo a um conceito judaico que seria facilmente compreendido à época dos primeiros Cristãos que é vir em juízo, pois encontramos esta referência também no Tanah quando Deus julgou o Egito (Is 19,1; Ez 30,3), Nínive (Naum 1,3) e Israel (Joel 2,2), como podemos observar na ***Bíblia de Jerusalém***.

Isaías 19,1-15:

Contra o Egito ¹Oráculo a respeito do Egito. **lahweh, montado em uma nuvem veloz, vai ao Egito. Os deuses do Egito tremem diante dele e o coração dos egípcios se derrete no seu peito.** ²Excitarei egípcios contra egípcios; eles lutarão entre si, irmãos contra irmãos, cada um contra o seu próximo, cidade contra cidade e reino contra reino. ³O espírito dos egípcios será aniquilado no seu íntimo, confundirei o seu conselho. Eles irão em busca dos seus deuses vãos, dos encantadores e dos adivinhos. ⁴Entregarei o Egito nas mãos de um senhor cruel; um rei prepotente os dominará. Oráculo do Senhor lahweh dos Exércitos. ⁵As águas se esvairão do mar, o rio se esgotará e ficará seco; ⁶os canais acabarão cheirando mal, as correntes do Egito irão minguando e secarão; a cana e o

junco se cobrirão de praga. ⁷Os caniços do Nilo — das margens do Nilo — e toda planta cultivada do Nilo secarão, se dispersarão e se extinguirão. ⁸Os pescadores se lamentarão e se cobrirão de luto: todos aqueles que lançam o anzol no Nilo, aqueles que estendem a rede sobre as suas águas ficarão desacorçoados. ⁹Aqueles que preparam o linho cardado se sentirão frustrados, bem como os que tecem alvos panos; ¹⁰acabarão arrasados os seus tecelões, desconsolados ficarão todos os seus assalariados. ¹¹Na verdade, os príncipes de Soã, os mais sábios conselheiros do faraó formam um conselho estulto. Como vos atreveis a dizer ao faraó: "Sou filho de sábios, filho de reis antigos?" ¹²Onde estão os teus sábios? Que anunciem então, para que se saiba, o que decidiu lahweh dos Exércitos a respeito do Egito! ¹³Portam-se como loucos os príncipes de Soã, os príncipes de Nof estão iludidos, aqueles que constituíam a elite dos seus nomos desencaminharam o Egito. ¹⁴ lahweh espalhou entre eles um espírito de confusão; de modo que desencaminham o Egito em todos os seus empreendimentos, como se desencaminha um embriagado que vai vomitando. ¹⁵Nenhum empreendimento conseguirá realizar o Egito, seja obra da cabeça ou da cauda, da palma ou do junco. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1282-1283) (grifo nosso)

Ezequiel 30,1-26:

O dia de lahweh contra o Egito — ¹A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: ²Filho do homem, profetiza e diz: Assim diz o Senhor lahweh: Dai uivos: "Ai! Que dia!" ³**Com efeito, está próximo o dia, está próximo o dia de lahweh. Será um dia de nuvens, será o tempo marcado para as nações.** ⁴A espada atingirá o Egito, haverá angústia em Cuch, quando caírem os trespassados no Egito, quando forem levadas as suas riquezas e os seus alicerces ficarem arrasados. ⁵Cuch, Fut e Lud, toda a Arábia, Cub e os filhos das terras da aliança cairão com eles à espada. ⁶Assim diz lahweh: Os sustentáculos do Egito cairão e sua força presunçosa ruirá por terra, desde Magdol até Siene muitos cairão à espada, oráculo do Senhor lahweh. ⁷E serão uma desolação no meio de terras desoladas e as suas cidades estarão entre cidades reduzidas a ruínas. ⁸Assim saberão que eu sou lahweh, quando eu puser fogo no Egito e forem despedaçados todos os seus sustentáculos. ⁹Naquele dia partirão mensageiros enviados por mim, em navios, para assustarem Cuch em sua tranquilidade. Haverá angústia entre os seus habitantes no dia do Egito, porque ele certamente virá. ¹⁰Assim diz o Senhor lahweh: Aniquilarei a multidão do Egito pela mão de Nabucodonosor, rei da Babilônia. ¹¹Ele e o seu povo com ele — a mais terrível das nações — serão trazidos para devastarem a terra. Eles desembainharão as suas espadas contra o Egito e encherão a terra de mortos. ¹²Reduzirei os canais do Nilo a um deserto e venderei a terra a

homens maus. Transformarei a terra e tudo o que nela há em uma desolação pela mão de estrangeiros. Eu, lahweh, o disse. ¹³Assim diz o Senhor lahweh: Farei perecer os ídolos imundos, extirparei de Nof os deuses falsos, e nunca mais haverá um príncipe na terra do Egito. Encherei de medo a terra do Egito. ¹⁴Reduzirei Patros a uma desolação, porei fogo a Soã e executarei julgamento em Nô. ¹⁵Derramarei o meu furor sobre Sin, a fortaleza do Egito, e exterminarei a horda de Nô. ¹⁶Porei fogo ao Egito, e Sin ficará toda convulsionada; Nô será fendida e as águas a inundarão. ¹⁷Os jovens de On e de Pi-Beset cairão à espada e as cidades irão para o cativeiro. ¹⁸Em Táfnis o dia se tornará em trevas quando eu quebrar ali o cetro do Egito e cessar a sua força presunçosa. Quanto a ela, uma nuvem a cobrirá e as suas filhas irão para o cativeiro. ¹⁹Assim executarei julgamento no Egito e saberão que eu sou lahweh. ²⁰Aconteceu que no undécimo ano, no primeiro mês, no sétimo dia do mês a palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: ²¹Filho do homem, quebrei o braço do Faraó, rei do Egito, mas ele não foi enfaixado, não lhe aplicaram remédio nem lhe puseram atadura, para que pudesse recobrar a sua força e assim manejar a espada. ²²Portanto, eis o que diz o Senhor lahweh: Eu estou contra o Faraó, rei do Egito. Quebrarei os seus braços, tanto o que está são, como o que está quebrado, e farei cair a espada da sua mão. ²³Espalharei os egípcios por entre os povos, sim, dispersá-los-ei por entre as nações. ²⁴Fortalecerei os braços do rei da

Babilônia, porei a minha espada na sua mão e quebrarei os braços do Faraó, fazendo com que dê gemidos de um trespassado na presença daquele. ²⁵Assim, fortalecerei os braços do rei da Babilônia, mas os braços do Faraó desfalecerão, e saberão que eu sou lahweh, quando eu puser a minha espada na mão do rei da Babilônia e ele a estender contra a terra do Egito. ²⁶Espalharei os egípcios por entre os povos e os dispersarei por entre as nações. Então saberão que eu sou lahweh. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1523-1524) (grifo nosso)

Naum 1,2-8:

Prelúdio

Salmo. A ira de lahweh ²lahweh é um Deus ciumento e vingador! lahweh é vingador e cheio de furor! lahweh se vinga de seus adversários ele guarda rancor de seus inimigos. ³**lahweh é lento para a ira, mas grande em poder. Mas a nada deixa lahweh impune. Na tormenta e na tempestade é o seu caminho, a nuvem é a poeira de seus pés.** ⁴Ameaça o mar e o seca, e a todos os rios ele faz secar. ... Murcham Basã e o Carmelo, e murcha a verdura do Líbano! ⁵As montanhas tremem diante dele, as colinas estremecem e a terra é devastada diante dele, o universo e todos os seus habitantes. ⁶Diante de sua cólera quem subsistirá? Quem se levantará diante do ardor de sua ira? Seu furor derrama-se como o fogo, e os rochedos se fendem diante dele. ⁷lahweh é bom; ele é um abrigo no dia da

tribulação. Ele conhece aqueles que nele se refugiam, ⁸mesmo quando sobrevêm uma inundação. Reduzirá a nada os que se levantam contra ele, perseguirá os inimigos até nas trevas. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1646) (grifo nosso)

Joel 2,1-2:

Alarme no dia de lahweh — ¹Tocai a trombeta em Sião, dai alarme em minha montanha santa! Tremam todos os habitantes da terra, porque está chegando o dia de lahweh! Sim, está próximo! ²**Um dia de trevas e de escuridão, um dia de nuvens e de obscuridade! Como a aurora, espalha-se sobre as montanhas um povo numeroso e poderoso, não existiu jamais outro como ele, e nem tornará a existir, depois dele, de geração em geração.** (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1606) (grifo nosso)

Fizemos questão de deixar os oráculos de julgamento das nações prescritas no Tanah para nos mostrar que vir sobre as nuvens retratava, no conceito judaico, vir em juízo sobre alguma nação em específico que o profeta era levantado. São muito fortes e a alegoria é presente numa leitura apocalíptica que representava o fim do domínio de uma nação sobre Israel, ou ainda a queda da própria nação dos hebreus ante outros impérios

que surgiam.

Deus e Jesus foram vistos sobre as nuvens? Claro que não, eles vieram em juízo. Com isso, fechamos esta questão da vinda de Jesus e passaremos agora para as visões cristãs da grande tribulação e o arrebatamento da igreja.

26. Interpretações da tradição Cristã

A interpretação da tradição cristã alude a estes eventos escatológicos previstos por Jesus, como eventos a se cumprirem em um futuro distante, mas que se perdem com o tempo e se distanciam dos fatos históricos que confirmamos seu cumprimento.

Observamos que para tanto, existem divergências entre os cristãos pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas, devido a uma interpretação de Paulo em (1Ts 4) e (1Co 15) que desenvolveremos acerca do arrebatamento dos cristãos e da sua igreja.

27. A visão pré-tribulacionista

Os cristãos que acreditam no arrebatamento antes dos eventos da grande tribulação, incorrem em textos, como já mencionamos, de Paulo em (1Ts 4) que é a primeira epístola de Paulo redigida por volta de 49 d.C. e 50 d.C. e um outro relato do mesmo apóstolo em (1Co 15) por volta de 54 d.C., onde até mesmo apóstolo acreditava que experimentaria este arrebatamento, mas que acabou sendo decapitado por Nero antes de seus anseios. Nesta visão, muitos cristãos creem que Jesus voltará fisicamente, arrebatando os cristãos e assim iniciará a grande tribulação, para somente após estes eventos, julgar todas as nações.

A fim de ilustrar esta perspectiva, vamos conhecer o pensamento de Paulo nestas passagens para dois públicos diferentes, conforme encontramos na ***Bíblia de Jerusalém***.

1ª Tessalonicenses 4,1-18:

Recomendações: santidade de vida e amor —

¹Finalmente, meus irmãos, vos pedimos e

exortamos no Senhor Jesus que, tendo ouvido de nós como deveis viver para agradar a Deus, e assim já viveis: todavia, deveis ainda progredir. ²Pois conheceis as instruções que vos demos da parte do Senhor Jesus. ³Porquanto, é esta a vontade de Deus: a vossa santificação,¹ que vos aparteis da luxúria, ⁴que cada qual saiba tratar a própria esposa com santidade e respeito, ⁵sem se deixar levar pelas paixões, como os gentios, que não conhecem a Deus. ⁶Nessa matéria ninguém fira ou lese a seu irmão, porque de tudo isso se vingará o Senhor, como já vos temos dito e assegurado. ⁷Pois Deus não nos chamou para a impureza, mas sim para a santidade. ⁸Portanto, quem desprezar estas instruções não despreza um homem, mas Deus, que vos infundiu o seu Espírito Santo. ⁹Não precisamos vos escrever sobre o amor fraterno; pois aprendestes pessoalmente de Deus a amar-vos mutuamente; ¹⁰e é o que fazeis muito bem para com todos os irmãos em toda a Macedônia. Nós, porém, vos exortamos, irmãos, a progredir cada vez mais. ¹¹Empenhai a vossa honra em levar vida tranquila, ocupar-vos dos vossos negócios, e trabalhar com vossas mãos, conforme as nossas diretrizes. ¹²Assim levareis vida honrada aos olhos dos de fora, e não tereis necessidade de ninguém.

Os mortos e os vivos na Vinda do Senhor

¹³Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como

os outros que não têm esperança. ¹⁴Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. ¹⁵Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. ¹⁶Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; ¹⁷**em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares.** E assim, estaremos para sempre com o Senhor. ¹⁸Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2062-2063) (grifo nosso)

Como grifamos a parte mais importante desta passagem de Paulo (1Ts 4,17), ele exorta ao Macedônios que ao sinal da vinda de Jesus, eles que estiverem vivos serão arrebatados nas nuvens ao encontro do Messias, mas muitos não atentam que **Paulo se incluía já nesta sua primeira epístola que escreve aos cristãos primitivos que ele também seria arrebatado**, pois Jesus, além de Messias, também foi apocalíptico, anunciando o fim daquela geração, seu juízo e a queda do império romano.

Esta ideia foi se desenvolvendo e criando corpo aos primeiros Cristãos primitivos e cinco anos após dar esta palavra aos Macedônios, exorta em Corinto a transformação dele mesmo, Paulo, e demais Cristãos primitivos que perseverarem na fé no Cristo, vejamos a passagem em tela, conforme a ***Bíblia de Jerusalém*** nos apresenta.

1ª Coríntios 15,35-53:

O modo da ressurreição — ³⁵Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? ³⁶Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. ³⁷E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. ³⁸A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. ³⁹Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. ⁴⁰**Há corpos celestes e há corpos terrestres.** São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. ⁴¹Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. ⁴²**O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível;** ⁴³semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; ⁴⁴semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. **Se há um**

corpo psíquico^g, há também um corpo espiritual.⁴⁵Assim está escrito: o primeiro *homem, Adão, foi feito alma vivente^a*; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. ⁴⁶Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. ⁴⁷O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. ⁴⁸Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. ⁴⁹E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos^b a imagem do homem celeste.⁵⁰**Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.** ⁵¹Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, **mas todos seremos transformados,**^c ⁵²num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final;^d sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. ⁵³Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade.

g) Para Paulo, como para a tradição bíblica, a *psyché* (hebr. *Nefesh*; cf. Gn 2,7) é o princípio vital que anima o corpo humano (1Cor 15,45) e a “vida” do corpo (Rm 16,4; Fl 2,30; 1Ts 2,8; cf. Mt 2,20; Mc 3,4; Lc 12,20; Jo 10,11; At 20,10 etc), a alma viva no corpo (2Cor 1,23). A mesma palavra pode designar o homem inteiro (Rm 2,9; 13,1; 2Cor 12,15; At 2,41,43 etc.) A *psyché* porém, fica sendo princípio de vida natural (1Cor 2,14; cf. Jd 19), que deve apagar-se diante do *pneuma*, para que o homem encontre de novo sua vida divina. Esta substituição, que se inicia já durante a vida

mortal pelo dom do Espírito (Rm 5,5+; cf. 1,9+), atinge a sua plenitude após a morte. Ao passo que a filosofia grega só professava a sobrevivência imortal da alma superior (*nous*), liberta do corpo, o cristianismo concebe a imortalidade estritamente como restauração integral do homem, ou seja, como ressurreição dos corpos pelo Espírito, princípio divino que Deus retirou do homem em consequência do pecado (Gn 6,3) e que lhe devolve pela união com Cristo ressuscitado (Rm 1,4+; 8,11+), homem celeste e Espírito vivificante (1Cor 15,45-49). De “psíquico” o corpo se torna então “pneumático”, incorruptível, imortal (1Cor 15,53), glorioso (1Cor 15,43; cf. Rm 8,18; 2Cor 4,17; Fl 3,21; Cl 3,4), liberto das leis da matéria terrestre (Jo 20,19,26) e das suas aparências (Lc 24,16). – Em sentido mais amplo, a *psyché* pode designar a alma, por oposição ao corpo (Mt 10,28), a sede da vida moral e dos sentimentos (Fl 1,27; Ef 6,6; Cl 3,23; cf. Mt 22,37p: 26,38p; Lc 1,46; Jo 12,27; At 4,32; 14,2; 1Pd 2,11 etc), e até mesmo o ser espiritual e imortal (At 2,27; Tg 1,21; 5,26; 1Pd 1,9; Ap 6,9 etc.).

- a) Isto é, um ser dotado por sua *psyché*, mas de vista puramente natural e submetido às leis do desgaste e da corrupção.
- b) Var. “possamos nós trazer”
- c) **Paulo esperava que a Parusia acontecesse antes de sua morte.**
- d) Desde o Sinai (Ex 19,18,19), a trombeta faz parte do simbolismo das manifestações divinas (Mt 24,31; 1Ts 4,16+). Ela assinala o ritmo das etapas do desígnio final de Deus (cf. as sete trombetas de Ap 8,6-11,19).

(Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 2014-2015)
(grifo nosso)

Esta é a parte mais emblemática de Paulo acerca da ressurreição dos mortos e como ele compreendia no primeiro século da Era Cristã. A parte mais importante está descrita no verso 51 e 52 desta passagem (1Co 15,51-52) ao qual para Paulo, na iminente vinda de Jesus em juízo àquela geração, ele se incluía no rol dos cristãos que seriam transformados seus corpos físicos e corpos glorificados, havendo incorruptibilidade revestindo-se de incorruptibilidade (v. 53).

Muitos Cristãos nos nossos dias atribuem esta narrativa de Paulo como seu cumprimento em nossa era, mas se esquecem que Paulo se incluía neste seleto grupo já naquela época quando disse que [...] **e nós seremos transformados** (v. 52).

Jesus em toda a sua pregação era um profeta apocalíptico prevendo sempre o juízo daquela geração e o fim de um período. Parece-nos que Paulo compreendeu bem esta perspectiva e deixou registrado em suas epístolas que os Cristãos de sua

época estavam vivendo esta realidade. Atribuir para os dias atuais é forçar dos textos de Paulo o que eles não podem oferecer.

28. A visão pós-tribulacionista

Já a visão pós-tribulacionista está marcando o arrebatamento dos cristãos e da igreja, após os eventos da grande tribulação, onde será marcada a vinda física de Jesus, o arrebatamento da igreja e julgamento das nações. Esta visão está sempre em conflito com a pré-tribulacionista e não há consenso entre ambos grupos que a defendem, mas ambas creem que a vinda de Jesus é iminente.

29. A visão preterista

A visão preterista representa todo o nosso conteúdo que apresentamos e nos afinamos mais a esta tese, uma vez que representa a realidade dos fatos. Ela nos dá, inclusive, uma maior credibilidade diante dos fatos e que Jesus estava se referindo àquela época em que viveu.

Apresentamos os elementos que a corroboram com fundamentos sólidos e convidamos a refletirem em tais eventos e tirarem suas próprias conclusões.

A visão preterista se divide ainda de duas visões, a preterista total, onde todo o sermão escatológico de Jesus ocorreu no primeiro século da era Cristã, e o preterismo parcial, que prevê uma primeira parte do sermão profético de Jesus já cumprida (Mt 24,1-35) e a segunda parte ainda a se cumprir (Mt 24,36-51).

30. A visão Espírita

O codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, apresenta uma visão baseado no futuro numa particularidade do sermão profético de Jesus que é acerca da geração ao qual se referia o Mestre, na obra *A Gênese*. O professor lionês chegou a esta conclusão devido ao fato de não ter enxergado o cumprimento dos fatos transcorridos ao sermão de Jesus, o que demonstramos que eles ocorreram à época da primeira guerra judaico-

romana, assim como vemos na obra **A Gênese**, capítulo XVII, parte que trata das *Predições segundo o Evangelho*. Primeiro Kardec relata, em consonância com nosso estudo, a destruição do Templo de Jerusalém.

Ruína do Templo e de Jerusalém

15. Quando Jesus saiu do Templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza daquele edifício. — Ele, porém, lhes disse: “Vedes todas estas construções? Digo-vos, em verdade, que serão de tal maneira destruídas, que não ficará pedra sobre pedra.” (Mateus, 24:1 e 2.)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, Ele chorou por ela, dizendo: — “Ah! se, ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesses aquele que te pode proporcionar paz! Mas, agora, tudo isto se acha oculto aos teus olhos. — Tempo virá, pois, para ti, desgraçada, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e apertarão de todos os lados; — em que te deitarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou.” (Lucas, 19:41 a 44.)

17. “Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porquanto necessário é que nenhum profeta sofra morte noutra parte, que não em Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes hei querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne sob as asas seus pintinhos, e não o quiseste! — Aproxima-se o tempo em que vossa casa ficará deserta. Ora, eu, em verdade, vos digo que doravante não me tornareis a ver, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.” (Lucas, 13:33 a 35.)

18. “Quando virdes um exército cercando Jerusalém, sabei que está próxima a sua destruição. — Fugam para as montanhas os que estiverem na Judeia, retirem-se os que estiverem dentro dela e nela não entrem os que estiverem na região circunvizinha. — Porquanto, esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. — Ai das que estiverem grávidas nesses dias, visto que este país será acabrunhado de males e a cólera do céu cairá sobre este povo. — Serão passados a fio de espada; serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que se haja preenchido o tempo das nações.” (Lucas, 21:20 a 24.)

19. (Jesus avançando para o suplício) — Ora, acompanhava-o grande multidão de povo e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. — Jesus,

então, voltando-se, disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e Predições do Evangelho pelos vossos filhos — porquanto virá tempo em que se dirá: ‘Ditosas as estéreis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram.’ — Todos se porão a dizer às montanhas: ‘Caí sobre nós!’ e às colinas: ‘Cobri-nos!’ — Pois, se tratam deste modo o lenho verde, como será tratado o lenho seco?” (Lucas,23:27 a 31.)

20. A faculdade de pressentir as coisas porvindouras é um dos atributos da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros, em grau eminente. Pôde, portanto, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato algo haja de sobrenatural, pois que o vemos reproduzir-se aos nossos olhos, nas mais vulgares condições. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão; é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, item 1): abarca a estrada a ser percorrida e lhe vê o termo.

21. Tanto mais assim havia de dar-se com Jesus, quanto, tendo consciência da missão que viera desempenhar, sabia que a morte no suplício forçosamente lhe seria a consequência. A visão espiritual, permanente nele, assim como a penetração do pensamento, haviam de

mostrar-lhe as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que se iam abater sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus. (KARDEC, A. 2019, p. 332-333)

Até o presente momento, Allan Kardec e a nossa posição estão em consonância com este nosso estudo. Porém, ao tratar o advento do Cristo, o codificador dá uma outra visão. Vejamos na mesma obra **A Gênese**, no mesmo capítulo XVII.

Segundo advento do Cristo

43. Disse então Jesus a seus discípulos: “Se algum quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me — porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo.

De que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por que preço poderá o homem comprar sua alma, depois de a ter perdido? — Porque, o Filho do Homem *há de vir* na glória de seu Pai, com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.

Digo-vos, em verdade, que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte,

sem que tenham visto vir o Filho do homem no seu reino.” (Mateus, 16:24 a 28.)

44. Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo sacerdote interrogou a Jesus desta forma: “Nada respondes ao que estes depõem contra ti?” — Mas Jesus se conservava em silêncio e não respondeu. Interrogou-o de novo o sumo sacerdote: “És o Cristo, o Filho de Deus para sempre Bendito?” — Jesus lhe respondeu: “Eu o sou e vereis um dia o Filho do Homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu.”

Logo o sumo sacerdote, rasgando as vestes, lhe diz: “Que necessidade temos de mais testemunhos?” (Marcos, 16:60 a 63.)

45. Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que personificará o *Consolador*. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.

Estas palavras: “Alguns há dos que aqui estão que não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do Homem no seu reinado” parecem encerrar uma contradição, pois é incontestável que Ele não veio em vida de nenhum daqueles que estavam presentes.

Jesus, entretanto, não podia enganar-se numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que lhe dizia pessoalmente respeito. Há, primeiro, que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidar-se, desde que se considere que Ele nada escreveu; que elas só foram registradas depois de sua morte; que o mesmo discurso cada evangelista o exarou em termos diferentes, o que constitui prova evidente de que as expressões de que eles se serviram não são textualmente as de que se serviu Jesus. Além disso, é provável que o sentido tenha sofrido alterações ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é indubitável que, se Jesus houvesse dito tudo o que pudera dizer, Ele se teria expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco, conforme o fez com relação aos princípios de moral, ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Persuadidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que Ele anunciava, os discípulos foram levados a interpretar o pensamento de Jesus de acordo com aquela ideia. Assim é que redigiram do ponto de vista do presente o que o Mestre dissera, fazendo-o de maneira mais absoluta do que Ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles o supuseram.

46. A grande e importante lei da reencarnação foi um dos pontos capitais que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para ideias dessa ordem e para as suas consequências. Contudo, assentou o princípio da referida lei, como o fez relativamente a tudo mais. Estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, a lei da reencarnação constitui a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem verdadeiros contrassensos.

É por meio dessa lei que se encontra a explicação racional das palavras acima, admitidas que sejam como textuais. Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao futuro reinado do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina, mais bem compreendida, for lei universal. **Dizendo que *alguns dos ali presentes na ocasião veriam o seu advento, Ele forçosamente se referia aos que estarão vivos de novo nessa época.*** Os judeus, porém, imaginavam que lhes seria dado ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam ao pé da letra suas frases alegóricas.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus. Sua visão, porém, se

projetava muito mais longe, de sorte que, quando falava do presente, sempre aludia ao futuro. (KARDEC, A. 2019, p. 344-345) (grifo nosso)

A única ressalva que fazemos é o advento de Jesus em juízo à geração ao qual o Mestre previu e esteve presente, tal qual alguns apóstolos veriam o juízo daquela geração, a exemplo de João Evangelista que presenciou todos os eventos escatológicos previstos pelo Mestre.

Allan Kardec apresenta outra visão, uma percepção bem distante, para os dias em que o Codificador estava vivendo, ou seja, o fim do século XIX o cumprimento esta profecia. Por fim, Allan Kardec nos apresenta os sinais precursores da vinda de Jesus e sobre a abominação da desolação, um parecer. Vejamos na mesma obra **A Gênese**, no mesmo capítulo XVII.

Sinais precursores

47. Também ouvireis falar de guerra e de rumores de guerra; tratai de não vos perturbardes, porquanto é preciso que essas coisas se deem; mas ainda não será o fim — pois ver-se-á povo levantar-se contra povo e

reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares — todas essas coisas serão apenas o começo das dores. (Mateus, 24:6 a 8.)

48. Então, o irmão entregará o irmão para ser morto; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os farão morrer. — Sereis odiados de toda a gente por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (Marcos, 13:12 e 13.)

49. Quando virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, está no lugar santo (que aquele que lê entenda bem o que lê); — fujam então para as montanhas os que estiverem na Judeia;¹⁸⁶ — não desça aquele que estiver no telhado, para levar de sua casa qualquer coisa; — e não volte para apanhar suas roupas aquele que estiver no campo. — Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. — Pedi a Deus que a vossa fuga não se dê durante o inverno, nem em dia de sábado — porquanto a aflição desse tempo será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente e como nunca mais haverá. — E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos. (Mateus, 24:15 a 22.)

50. Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potestades dos céus serão abaladas. Então, o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade.

Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu.

Aprendeí uma comparação tirada da figueira. Quando seus ramos já estão tenros e dão folhas, sabeis que está próximo o estio. — Do mesmo modo quando virdes todas essas coisas, sabeí que vem próximo o Filho do homem, que Ele se acha como que à porta.

Digo-vos, em verdade, que esta raça não passará, sem que todas essas coisas se tenham cumprido. (Mateus, 24:29 a 34.)

E acontecerá no advento do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Noé — pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; — e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou

toda a gente, assim também será no advento do Filho do Homem. (Mateus, 24:37 a 39.)

51. Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai. (Marcos, 13:32.)

52. Em verdade, em verdade vos digo: chorareis e gemereis, e o mundo se rejubilará; estareis em tristeza, mas a vossa tristeza se mudará em alegria. — Uma mulher, quando dá à luz, está em dor, porque é vinda a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os males que sofreu, pela alegria que experimenta de haver posto no mundo um homem. — É assim que agora estais em tristeza; mas, eu vos verei de novo e o vosso coração rejubilará e ninguém vos arrebatará a vossa alegria. (João, 16:20 a 22.)

53. Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; — e, porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; — mas aquele que perseverar até o fim será salvo. — E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará. (Mateus, 24:11 a 14.)

54. É evidentemente alegórico este quadro do fim dos tempos, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que Ele encerra são de natureza a impressionar

inteligências ainda rudes. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração, fazia-se-lhe mister falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição de espírito, à suprema potestade, segundo a crença de então, não era possível manifestar-se, a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais. Quanto mais impossíveis fossem esses fatos, tanto mais facilmente aceita era a probabilidade deles.

O Filho do Homem, a vir sobre nuvens, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, lhes parecia de muito maior imponência, do que a simples vinda de uma entidade investida apenas de poder moral. Por isso mesmo, os judeus, que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar--lhes a nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, aquele pobre proletário da Judeia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos, do que os mais poderosos potentados; exclusivamente com a sua palavra e o concurso de alguns miseráveis pescadores, revolucionou o mundo e a Ele é que os judeus virão a dever sua reabilitação. Disse, pois, uma verdade, quando, respondendo a esta pergunta de Pilatos: “És rei?” respondeu: “Tu o dizes.”

55. É de notar-se que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios forçados de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de outras circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos se houvessem produzido tão amiudadas vezes quantas são relatados, fora de ter-se por impossível que os homens não houvessem guardado deles lembrança pela tradição. Aqui, acrescenta-se a *queda de estrelas do céu*, como que a mostrar às gerações futuras, mais esclarecidas, que não há nisso senão uma ficção, pois que agora se sabe que as estrelas não podem cair.

56. Entretanto, sob essas alegorias, grandes verdades se ocultam. Há, primeiramente, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a humanidade, calamidades decorrentes da luta suprema entre o

bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho *restaurado na sua pureza primitiva*; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será, verdadeiramente, o reino de Jesus, pois que Ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, porquanto diz Ele que — “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.

57. Quando sucederão tais coisas? “Ninguém o sabe” diz Jesus, “*nem mesmo o Filho.*” Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais precursores. Esses indícios, porém, não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; mostrar-se-ão no estado social e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, se podem deduzir das suas alusões.

É indubitável que aquela mutação não poderia operar-se em vida dos apóstolos, pois, do contrário, Jesus não lhe desconheceria o momento.

Aliás, semelhante transformação não era possível se desse dentro de apenas alguns anos. Contudo, dela lhes fala como se eles a houvessem de presenciar; é que, com efeito,

eles poderão estar reencarnados quando a transformação se der e, até, colaborar na sua efetivação. Ele ora fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato por ponto de referência ao que ocorreria no futuro.

58. Será que, predizendo a sua segunda vinda, era o fim do mundo o que Jesus anunciava, dizendo: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim?”

Não é racional se suponha que Deus destrua o mundo precisamente quando ele entre no caminho do progresso moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos. Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. É, pois, o fim do *mundo velho*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim.” Esse fim, porém, para chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que advirão os males por Ele previstos.

¹⁸⁶ Nota de Allan Kardec: **Esta expressão: a abominação da desolação não só carece de sentido**, como se presta ao ridículo. A tradução de Osterwald diz: “A abominação que causa a desolação”, o que é muito diferente. O sentido então se torna perfeitamente claro, porquanto se compreende que as *abominações* hajam de acarretar a *desolação*, como castigo. Quando a abominação, diz Jesus, se instalar no lugar santo, também a desolação para aí virá e isso constituirá um sinal de que estão próximos os tempos. (KARDEC, A. 2019, p. 346-349) (grifo nosso)

A exposição de Allan Kardec quanto a expressão escatológica **abominação da desolação** em **ocupar o lugar santo**, ao qual destacamos, ele não nos apresenta uma interpretação desta simbologia, como sinal precursor da vinda em juízo de Jesus no primeiro século da era Cristã.

Como bem desenvolvemos o livro de Daniel, a interpretação dos judeus do primeiro século e o entendimento do Midrash de Jesus desta profecia, compreendemos que este oráculo se cumpre em Calígula colocar sua estátua para ser adorada no Santo do Santos, dentro do Templo de Jerusalém, por volta do ano 41 d.C., igualmente o fez Antíoco

IV Epifanes em colocar uma estátua de Zeus para ser adorada séculos antes, por volta de 167 a.C. e prover a profanação do Templo com o sacrifício de um porco, que para os judeus, era um animal impuro.

Entretanto, respeitamos a posição do codificador e lançamos mão das evidências que todos podem concordar, ou não. Existem ainda grupos de estudos sobre este sermão profético de Jesus que se debruçam nestes estudos, que têm uma visão futurista desta profecia, ao qual respeitamos, mas os fatos apontam em outra direção.

Considerações finais

Reiteramos a nossa visão preterista total do sermão escatológico de Jesus narrados nos Evangelhos sinóticos e propomos a todos os elementos que levaram a cabo nossos estudos e desenvolvimento.

Como bem analisamos em ambas as visões, tanto a pré-tribulacionista, quanto a pós-tribulacionista e historicista, as duas primeiras estão amparadas em textos de Paulo e nas suas duas principais epístolas aos Tessalonicenses e aos Coríntios, no auge da perseguição aos cristãos nos primeiros anos após a morte de Jesus. Certamente que o sermão profético de Jesus deveria ser conhecido na tradição cristã de forma oral e Paulo deve ter contato com estas previsões que tivemos o cuidado de analisar, comparando-as com os fatos históricos que culminaram na queda de Jerusalém em 70 d.C.

Hoje temos o muro das lamentações, conforme vemos na imagem, que serve de peregrinação dos Judeus como a memória do Templo em sua última construção destruída em 70 d.C. que em seu lugar podemos observar o Domo da Rocha que é uma mesquita islâmica.



Entendemos que para os fatos preconizados por Jesus, deveríamos ter um terceiro templo ali construído, mas sabemos que se a mesquita do Domo da Rocha foi retirada daquele local, teremos aí um conflito com os árabes e tudo o que preconizou Jesus, seria desacreditado, pois a

destruição partiria dos Judeus e Cristãos para com os Árabes, como observamos ao longo da história e as cruzadas na idade média, encerrando a supremacia Árabe com Saladino.



Podemos mudar de opinião, ante os fatos, mas no momento estamos defendendo uma posição sólida, acerca da interpretação do sermão profético de Jesus, respeitando quem não pensa como nós. Que cada um tire suas próprias conclusões!

Chegamos ao fim do caminho de estudos percorrido através de longos anos que me levaram a contestar conceitos já há muito tempo

estabelecidos, dentro e fora da Doutrina Espírita. Não tenho receio de ter uma posição contrária ao codificador em alguns pontos, principalmente em sua obra *A Gênese*, pois ele mesmo nos diz em sua introdução: *“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”* (KARDEC, A. 2019, p. 42)

Fontes Bibliográficas

1) Obras impressas:

- Bíblia de Jerusalém***, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. & BENTES, J. M. ***Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia 3a. ed., vol. 2.*** São Paulo: Candeia, 1995b.
- GORODOVITS, D & FRIDLIN, J. ***Tanah, Bíblia Hebraica***, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.
- HARRIS, R. L. ARCHER JUNIOR, G. L. & WALTKE, B. K. ***Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento***, Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova; São Paulo/SP; 1ª edição: 1998
- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***, Rio de Janeiro/RJ, CPAD, 2004.
- JOSEFO, F. ***Guerra dos Judeus, Volume I***, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012a.
- JOSEFO, F. ***Guerra dos Judeus, Volume II***, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012b.
- JOSEFO, F. ***Guerra dos Judeus, Volume III***, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012c.
- JOSEFO, F. ***Guerra dos Judeus, Volume IV***, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012d.

- JOSEFO, F. **Guerra dos Judeus, Volume V**, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012e.
- JOSEFO, F. **Guerra dos Judeus, Volume VI**, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012f.
- JOSEFO, F. **Guerra dos Judeus, Volume VII**, Curitiba/PR, JURUÁ, 2012g.
- JOSEFO, F. **Antiguidades dos Judeus Contra Apion**, Curitiba/PR, JURUÁ, 2009a.
- JOSEFO, F. **Autobiografia**, Curitiba/PR, JURUÁ, 2009b.
- KARDEC, A. **A Gênese**, Brasília: FEB, 2019.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- MARTINS, S, P. **Apocalipse ou História?** AGBook. São Paulo: 2010
- MELAMED, M. M. **Torá, A Lei de Moisés**, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.
- PRESSMAN, D. & ENDE, S. **Talmud Bavli - Berachot**, Capítulo 1-3, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.
- PRESSMAN, D. & ENDE, S. **Talmud Bavli - Berachot**, Capítulo 4-6, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.

- PRESSMAN, D. & ENDE, S. **Talmud Bavli - Berachot**,
Capítulo 7-9, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá
Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.
- RAYMUNDO, C. F. **Ano 70 d.C. - Segunda Vinda -
Mateus 24**. Revista Cristã - Última Chamada,
Agenda Cristã, 2017.
- SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Hebraico Português**. São
Paulo: Paulus, 1997.
- SILVA. S. C. **Analisando as Traduções Bíblicas**. IDEA.
João Pessoa-PA: 2012
- STRONG J. LL.D, S.T.D.; **Dicionário Bíblico Strong
Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**,
Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002.
- XAVIER, F. C. **A Caminho da Luz**. FEB. Brasília-DF:
2012

2) Sites de pesquisa:

- [1] <https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel>, consultada dia
31/08/16

3) Imagens:

Capa:

http://www.zazzle.com.br/a_destruicao_do_templo_de_jerusalem_cartao_postal-239049514198070224,

Consulta às 19:30 em 24/07/2015

<http://image.slidesharecdn.com/daniel7-110905092729-phpapp02/95/daniel-7-19-728.jpg?cb=1319457786>,
Consulta às 10:30 em 01/09/2016

<https://cabinedotempo.com.br/historia-2/cabine-historica/cabine-historica-viagem-ao-passado-do-dia-15-de-julho/>, Consulta às 16h em 30/11/2021

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/93/NinthAvStonesWesternWall.JPG/260px-NinthAvStonesWesternWall.JPG>, Consulta às 16h em 30/11/2021

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/ce/Detail_from_Arch_of_Titus.jpg/220px-Detail_from_Arch_of_Titus.jpg, Consulta às 16h em 30/11/2021

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-cerco-romano-a-jerusalem/>, Consulta às 16h em 30/11/2021

<http://teltsion.blogspot.com/2014/05/a-cronologia-de-jerusalem.html>, Consulta às 16h em 30/11/2021

SOBRE O AUTOR



Thiago Toscano Ferrari é natural de São Mateus, ES. Formado em Técnico em Mecânica pelo IFES e Engenharia Mecânica pela Faculdade Brasileira - Multivix (Vitória-ES), bem como graduando de Teologia pela Escola de Exegese Bíblica (São Paulo-SP). Atua na área industrial desde 2002. Regressou ao movimento Espírita em Janeiro/2004.

Escreveu os e-book's ***A arte do debate, A Torá e a Reencarnação, O Espiritismo e as incoerências de um pastor*** e ***A Grande Tribulação e seu cumprimento histórico***, dentre vários artigos publicados no site www.apologiaespirita.com.br (GAE - Grupo Apologética Espírita).